

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

MARIA FERNANDA BORGES GENARO

PREENCHENDO VAZIOS: REQUALIFICAÇÃO DO BOSQUE DA COMUNIDADE E  
INSERÇÃO DE POCKET PARKS EM ÁREAS SUBUTILIZADAS NA CIDADE DE  
BAURU/SP

BAURU

2021

MARIA FERNANDA BORGES GENARO

PREENCHENDO VAZIOS: REQUALIFICAÇÃO DO BOSQUE DA COMUNIDADE E  
INSERÇÃO DE POCKET PARKS EM ÁREAS SUBUTILIZADAS NA CIDADE DE  
BAURU/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas do Centro Universitário Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi.

BAURU

2021

MARIA FERNANDA BORGES GENARO

PREENCHENDO VAZIOS: REQUALIFICAÇÃO DO BOSQUE DA COMUNIDADE E  
INSERÇÃO DE POCKET PARKS EM ÁREAS SUBUTILIZADAS NA CIDADE DE  
BAURU/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas do Centro Universitário Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi.

Banca examinadora:

---

Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi  
Centro Universitário Sagrado Coração

---

Banca Examinadora  
Centro Universitário Sagrado Coração

---

Banca Examinadora  
Centro Universitário Sagrado Coração

Bauru, 22 de novembro de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD

G324p

Genaro, Maria Fernanda Borges

Preenchendo vazios: Requalificação do Bosque da Comunidade e inserção de pocket parks em áreas subutilizadas na cidade de Bauru/SP / Maria Fernanda Borges Genaro. -- 2021.  
97f. : il.

Orientador: Prof. M.e Renan Guaranha Rinaldi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Acupuntura Urbana. 2. Áreas Livres. 3. Pocket Parks. 4. Espaços Verdes. I. Rinaldi, Renan Guaranha. II. Título.

*“A cidade não é o problema, a cidade é a  
solução.”*

Jaime Lerner (1937 - 2021)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela vida, a meus pais pela dedicação, carinho e oportunidade de cursar uma universidade. Ao meu parceiro e amigos por todo o apoio durante esta jornada. Um imenso obrigada aos meus professores por todo o conhecimento compartilhado, paciência e empenho ao longo desses cinco anos.

Agradeço ainda à uma das minhas maiores inspirações, Jaime Lerner. Seu legado nos ensina a pensar que pode, sim, haver beleza no futuro das cidades.

Entretanto, meu maior agradecimento é ao meu orientador Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi. Obrigada pela dedicação, ensinamentos e esmero; por compartilhar todos os momentos e dificuldades.

Agradeço ainda, antecipadamente, a banca examinadora pelo cuidado e empenho em fazer parte de algo tão importante.

## RESUMO

A pesquisa tem como finalidade a criação de pocket parks interligados e a requalificação do Bosque da Comunidade na cidade de Bauru/SP. Para este fim, foi realizado o levantamento bibliográfico acerca do conceito de espaço livre e os termos que abrange, a forma que os espaços verdes impactam na qualidade de vida das cidades e seus benefícios ao meio ambiente, além da forma que a legislação brasileira aborda é aplicada nesse contexto. Foi também desenvolvida a pesquisa de obras correlatas, que servirão como inspiração ao projeto em diversos aspectos. Finalizando a fundamentação teórica, foi analisada a área e suas características através dos mapas elaborados, proporcionando assim conhecimento sobre as potencialidades e fragilidades que deverão ser destacadas e resolvidas em projeto, de forma que atenda às necessidades dos usuários. Dessa forma, a proposta projetual pretende criar espaços verdes em lotes subutilizados, trazendo um novo uso que seja acolhedor e saudável para a cidade e seus moradores, além de propor usos voltados à lazer, cultura, integração e contemplação. Para isso, os pocket parks interligados e o Bosque da Comunidade contarão com itens como restaurantes, cafés, decks de apoio à equipamentos próximos, anfiteatro para eventos culturais, espaços voltados para animais, para crianças e para atividades físicas, além de áreas destinadas para feiras livres.

**Palavras-chave:** Acupuntura Urbana, áreas livres, *pocket parks*, espaços verdes.

## **ABSTRACT**

The research aims to create interconnected pocket parks and requalify the Community Forest in the city of Bauru/SP. To this end, a bibliographic survey was carried out on the concept of free space and the terms it covers, the way that green spaces impact the quality of life in cities and their benefits to the environment, in addition to the way that Brazilian legislation addresses it. applied in that context. A search for related works was also carried out, which will serve as inspiration for the project in several aspects. Finalizing the theoretical foundation, the area and its characteristics were analyzed through the prepared maps, thus providing knowledge about the strengths and weaknesses that should be highlighted and resolved in the project, so that it meets the needs of users. Thus, the project proposal intends to create green spaces in underutilized lots, bringing a new use that is welcoming and healthy for the city and its residents, in addition to proposing uses aimed at leisure, culture, integration and contemplation. For this, the interconnected pocket parks and the Community Forest will have items such as restaurants, cafes, decks to support nearby equipment, an amphitheater for cultural events, spaces for animals, children and physical activities, as well as areas for free fairs.

**Keywords:** Urban Acupuncture, open areas, pocket parks, green spaces.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Travessa da Rua D'Agôa após intervenção urbana em Ponta Delgada, Portugal.....	16
FIGURA 02 - Portal Dona Irena implantado na orla do Rio Guaíba em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.....	17
FIGURA 03 - Parque Güell como exemplo de área verde pública, (1914, Barcelona, Espanha) .....	19
FIGURA 04 - Requalificação da praça central da cidade de Catanduva pela paisagista Rosa Kliass, no interior de São Paulo.....	20
FIGURA 05 - Requalificação de uma travessa em Montreal, Canadá.....	22
FIGURA 06 - Acupuntura urbana realizada em comunidades locais na Venezuela....	23
FIGURA 07 - Parklet implantado em Porto Alegre como forma de gentileza urbana...24	
FIGURA 08 - Área de convivência da praça âncora.....	26
FIGURA 09 - Entorno próximo.....	27
FIGURA 10 - Planta com disposição das áreas livres.....	28
FIGURA 11 - Vista da praça se relacionando com a cidade.....	28
FIGURA 12 - Esquema gráfico de uma das áreas de permanência.....	29
FIGURA 13 - Esquema de disposição das cores na área.....	30
FIGURA 14 - Relação dos mobiliários com o esquema de cores.....	31
FIGURA 15 - Mesas para xadrez totalmente reversíveis.....	31
FIGURA 16 - Vista aérea da praça.....	32
FIGURA 17 - Relação da praça com o entorno.....	33
FIGURA 18 - Relação do pedestre com a praça.....	33
FIGURA 19 - Implantação.....	34
FIGURA 20 - Planta de paisagismo.....	34
FIGURA 21 - Espécies nativas implantadas na praça.....	35
FIGURA 22 - Corte esquemático.....	36
FIGURA 23 - Estruturas metálicas.....	36
FIGURA 24 - Estruturas metálicas conectadas.....	37
FIGURA 25 - Espelho d'água.....	37
FIGURA 26 - Vegetação nativa e espelho d'água.....	38
FIGURA 27 - Visão do pedestre.....	39
FIGURA 28 - Entorno próximo.....	40

FIGURA 29 - Mobiliários implantados.....	40
FIGURA 30 - Mural artístico.....	41
FIGURA 31 - Cachoeira implantada no projeto.....	41
FIGURA 32 - Paley Park no ano de 1993.....	42
FIGURA 33 - Croqui em planta do projeto.....	42
FIGURA 34 - Croqui corte.....	43
FIGURA 35 - Vista aérea da praça.....	44
FIGURA 36 - Edifício existente no terreno.....	45
FIGURA 37 - Decks de madeira.....	46
FIGURA 38 - Decks iluminados à noite.....	46
FIGURA 39 - Deck de madeira em corte.....	47
FIGURA 40 - Edifício após restauração.....	48
FIGURA 41 - Interior do museu.....	48
FIGURA 42 - Setorização do projeto.....	49
FIGURA 43 - Atividade para crianças sendo realizada na praça.....	49
FIGURA 44 - Mobiliário implantado.....	50
FIGURA 45 - Visão do pedestre.....	51
FIGURA 46 - Vista aérea da praça.....	52
FIGURA 47 - Planta Isométrica.....	53
FIGURA 48 - Rampa de acesso para veículos.....	54
FIGURA 49 - Aulas de ioga ao ar livre.....	55
FIGURA 50 - Workshop para crianças.....	55
FIGURA 51 - Mobiliários implantados na praça.....	56
FIGURA 52 - Mural artístico.....	57
FIGURA 53 - Mapa de Localização.....	60
FIGURA 54 - Mapa de Equipamentos e Vias.....	61
FIGURA 55 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo.....	62
FIGURA 56 - Mapa de Vegetação e Áreas Verdes.....	63
FIGURA 57 - Mapa de Vias e Fluxos.....	64
FIGURA 58 - Mapa de Cheios e Vazios.....	65
FIGURA 59 - Mapa de Áreas Potenciais.....	66
FIGURA 60 - Mapa de Áreas de Intervenção.....	68
FIGURA 61 - Programa de Necessidades e Tabela de Vegetação.....	68
FIGURA 62 - Implantação Área A.....	69

FIGURA 63 - Corte A.....	69
FIGURA 64 - Implantação Áreas B e C.....	70
FIGURA 65 - Cortes B e C.....	71
FIGURA 66 - Implantação Áreas D e E.....	72
FIGURA 67 - Corte D.....	72
FIGURA 68 - Mapa de Áreas de Intervenção.....	73
FIGURA 69 - Programa de Necessidades.....	74
FIGURA 70 - Tabela de Vegetação e Pisos.....	74
FIGURA 71 - Implantação Área A.....	75
FIGURA 72 - Corte Área A.....	75
FIGURA 73 - Planta Restaurante.....	76
FIGURA 74 - Planta Café.....	76
FIGURA 75 - Implantação Área B.....	77
FIGURA 76 - Corte Área B.....	77
FIGURA 77 - Planta Restaurante.....	78
FIGURA 78 - Implantação área C.....	79
FIGURA 79 - Corte área C.....	79
FIGURA 80 - Sanitários.....	80
FIGURA 81 - Implantação área D.....	80
FIGURA 82 - Corte área D.....	81
FIGURA 83 - Sanitários.....	81
FIGURA 84 - Implantação área E.....	81
FIGURA 85 - Implantação área F.....	82
FIGURA 86 - Elevação área F.....	82
FIGURA 87 - Implantação área G.....	82
FIGURA 88 - Elevação área G.....	83
FIGURA 89 - Detalhamento ponto de ônibus.....	83
FIGURA 90 - Perspectiva área A.....	83
FIGURA 91 - Vista do pedestre área A.....	84
FIGURA 92 - Vista aérea área A.....	84
FIGURA 93 - Perspectiva área C.....	85
FIGURA 94 - Vista aérea área C.....	85
FIGURA 95 - Bicicletário área C.....	86
FIGURA 96 - Perspectiva área D.....	86

FIGURA 97 - Vista aérea área D.....	87
FIGURA 98 - Acesso ao <i>boulevard</i> na Rua João Abo Arrage.....	87
FIGURA 99 - Perspectiva do <i>boulevard</i> área E.....	88
FIGURA 100 - Vista aérea <i>boulevard</i> área E.....	88
FIGURA 101 - Acesso pela Rua José Lúcio.....	89
FIGURA 102 - Perspectiva pedestre área F.....	89
FIGURA 103 - Perspectiva área F.....	90
FIGURA 104 - Vista aérea área F.....	90

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 JUSTIFICATIVA .....	13
1.2 OBJETIVOS .....	14
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	14
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	14
1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS .....	15
<b>2 SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E SEUS SUBSISTEMAS</b> .....	16
2.1 ESPAÇOS LIVRES VERDES .....	18
2.2 O VERDE COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR .....	21
<b>3 OBRAS CORRELATAS</b> .....	26
3.1 PRAÇA SUPERILLA DE SANT ANTONI .....	26
3.2 ZONA ÚMIDA URBANA USAQUÉN .....	32
3.3 PALEY PARK .....	38
3.4 PRAÇA VICTOR CIVITA .....	43
3.5 PRACINHA OSCAR FREIRE .....	51
<b>4 ANÁLISE DA ÁREA</b> .....	59
<b>5 PROPOSTA PROJETUAL</b> .....	67
<b>6 ANTEPROJETO</b> .....	73
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	92

## 1 INTRODUÇÃO

Lerner (2003) compreende como essencial as importantes transformações que vem ocorrendo nas grandes cidades; define essas ações como inovadoras, pois nelas se propiciou um começo, um despertar, fazendo a cidade reagir. É indispensável intervir para revitalizar e trazer qualidade às áreas urbanas, sendo elas espaços livres ou áreas verdes.

Embora todas as cidades apresentem áreas verdes públicas, Legislações urbanas de datas mais antigas não contemplavam especificamente como esses espaços deveriam ser distribuídos, tampouco suas funções. Poucas cidades possuem essas áreas verdes e livres dispostas de forma organizada, de modo que os ambientes não passam de espaços dispersos pela malha urbana (Steiner *apud* LOBODA, 2005).

Com o crescimento do processo de urbanização, Steiner (2016) considera fundamental que as cidades sejam um local acolhedor e saudável em todos os aspectos para todos seus habitantes. Para tanto, cada vez mais é evidente, necessário e fundamental, um planejamento urbano de qualidade, que leve em consideração a relação entre os espaços existentes e os que estão se consolidando.

Além do indispensável equilíbrio ambiental, Kliass e Magnoli (2006) consideram que os espaços livres comprem um papel ainda maior: um bem público, que promove o encontro do homem com a natureza, além de auxiliar as atividades urbanas em diversas escalas, como a ida diária ao trabalho, um passeio em família ou até na percepção de mudança das estações do ano.

O presente trabalho visa, considerando a essencial presença de espaços verdes livres no meio urbano, conectar o livre e o edificado através de *pocket parks*, requalificando também uma das principais áreas verdes do município, o Bosque da Comunidade.

O embasamento teórico foi tomado e consta nos capítulos do presente trabalho. No segundo capítulo, são retratados os diferentes conceitos de espaços livres, os termos que abrange e seu impacto ambiental, social e cultural nas cidades. Em seguida, conceitua-se os espaços livres verdes, seu papel e influência no meio urbano, como essas áreas são distribuídas de acordo com a legislação brasileira e sua importância de acordo com o CONAMA. Ainda nesse capítulo, o conceito de acupuntura urbana por Jaime Lerner é posto em evidência, levando principalmente

em consideração o impacto positivo que essa ação pode ter se aplicada de forma correta e ativa nas cidades.

No terceiro capítulo serão abordadas cinco obras correlatas, com a finalidade de obter referências projetuais e desenvolver repertório. As obras a serem estudadas são: Praça Superilla de Sant Antonide em Barcelona; Zona Úmida Urbana de Usaquén, localizada no norte de Bogotá; Paley Park, em Nova York; A praça Victor Civita, em São Paulo; e a Pracinha Oscar Freire, também localizada em São Paulo.

No quarto e quinto capítulo serão apresentadas a análise da área e a proposta projetual, identificando o tema abordado, a definição de *pocket parks*, a cidade de estudo e suas características. Em seguida, será apresentado o conceito, partido e anteprojeto, com exposição das plantas, cortes, tabelas e imagens. Por fim, no sexto capítulo, serão apresentadas as considerações finais deste trabalho.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

De acordo o CONAMA (2006), considera-se as áreas verdes de domínio público espaços que possuem função ambiental, recreativa e estética, que propiciam a qualidade do meio urbano, integram o homem com a natureza e conservam o elemento verde.

Ao considerar a velocidade com que ocorrem as transformações urbanas hoje, observa-se cada vez mais a escassez de espaços verdes de qualidade. Tendo o verde como o elemento mais frágil nas cidades, Alvarez (2004) considera a utilização desse elemento extremamente essencial, uma vez que possui funções tanto ecológicas como de lazer, além de paisagísticas e estéticas.

Magnoli (2006) explica que a ideia de espaço livre adquire sentido quando as cidades passam a ter tal estado de adensamento que se amplia a dissociação entre “espaços livres” e “espaços fechados”. Assim, passa-se a ter a necessidade cada vez maior de áreas não adensadas, que sirvam como “ponto de respiro” no meio urbano.

Lerner (2003) compreende a acupuntura urbana como um meio de solucionar pequenos problemas existentes nos modelos de cidades atuais, porém que geram um grande impacto social e cultural, pois levam em consideração as necessidades da população, sem desprezar a história e cultura do local de intervenção.

Assim, este projeto se faz necessário para a sociedade como um todo, por propor soluções que integram recreação, lazer, cultura, comércio e benefícios

ambientais. Isso será possível pois os *pocket parks* permitem recuperação e um novo uso às áreas definidas, antes lotes subutilizados ou totalmente impermeabilizados, e estarão conectados ao Bosque da Comunidade.

## 1.2 OBJETIVOS

Neste subcapítulo serão apresentados o objetivo geral e específico.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Considerando o estudo bibliográfico e as observações diante das necessidades expostas na justificativa desse trabalho, essa monografia tem como objetivo geral apresentar uma proposta projetual de *pocket parks* interligados e a requalificação do Bosque da Comunidade em Bauru/SP, de forma que toda a cidade possa se beneficiar dos espaços livres e áreas verdes que serão inseridas.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender o conceito de áreas livres, os termos que abrange e como a legislação brasileira é aplicada nesse contexto;
- Entender os impactos que as áreas verdes e livres possuem no meio urbano;
- Entender as definições de acupuntura urbana e sua importância para as cidades;
- Analisar as obras correlatas para aumento do repertório que irão colaborar na elaboração da proposta projetual;
- Elaborar mapas de análise do entorno da área definida para melhor compreensão do contexto, fragilidades e potencialidades do local;
- Elaborar plantas e cortes das áreas escolhidas com a finalidade de expor a proposta projetual, compreender como se dão os acessos, vegetação, topografia e usos definidos;
- Apresentar a proposta projetual inicial;

### 1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS

A primeira etapa metodológica foi a pesquisa exploratória e descritiva, através do embasamento teórico por meio de levantamento bibliográfico por meio de pesquisa de livros, dissertações, teses, monografias, artigos e órgãos governamentais.

A seguir, foi realizada o estudo e análise das obras correlatas que tem como finalidade complementar o repertório projetual e servir de referência para o projeto a ser realizado. Nessa fase, a pesquisa foi feita em meio virtual, selecionando projetos com temas e propostas projetuais que possuem relação com o tema de estudo dessa pesquisa; em seguida, foi feita a análise das áreas livres, sua relação com o meio urbano inserido, o programa de necessidades, composição formal e material, intenção projetual e disposição da vegetação.

Após a escolha das áreas de intervenção, o próximo passo foi a visita presencial para análise da vegetação, acessos e topografia existentes. Para análise do entorno foi realizado o levantamento das áreas através de mapas com a utilização da ferramenta de geolocalização Google Earth e Google My Maps.

Os mapas de análise foram elaborados no software Autocad da Autodesk®, sendo eles: Uso e ocupação do solo, vegetação e áreas verdes, fluxo e sentido das vias, cheios e vazios, localização na cidade identificando as principais vias de acesso e equipamentos próximos da área de intervenção e, por fim, o mapa de áreas potenciais.

Por fim, foi realizada a fase de aplicação prática com a proposta projetual teórica e gráfica, primeiramente elaborando o conceito e o partido, acessos principais, programa de necessidades, distribuição das áreas verdes e qualidade estética. Para essa etapa foi utilizado o software AutoCAD da Autodesk®

## 2 SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E SEUS SUBSISTEMAS

Segundo Magnoli (2006), pode-se caracterizar os espaços livres como um elemento que compõe a paisagem e estrutura urbana, constituído principalmente com a função de integrar e relacionar os espaços edificados, propiciando luz, ar, perspectivas e vista (Figura 01). É essencial para definir os processos de urbanização e estabelecer a “caracterização fisionômica da cidade” (BARTALINI, 1994).

Figura 01 – Travessa da Rua D’Agôa após intervenção urbana em Ponta Delgada, Portugal



Fonte: KS Arquitetos, 2018.

Lima (1994) já considera espaço livre com um conceito mais amplo, que abrange os termos de: área verde, praça, sistema de lazer, jardim, área de preservação permanente e áreas particulares existentes dentro dos limites urbanos. Assim, o termo *open space* é traduzido como espaço livre, pois considera áreas não edificadas na malha urbana.

Como instância social, o espaço é produto e produtor de conteúdo social, resultado e condição para os processos. Muitas vezes, tende-se a associar o componente inercial do espaço (o “prático inerte”) cristalizado no espaço construído, com o espaço em si. Na compreensão do espaço total, no entanto, o espaço construído representa a síntese espacial e momentânea de determinado processo histórico, sempre em transformação, caracterizando uma “inércia dinâmica” (QUEIROGA, 2001, p. 41).

Esse conceito, além de considerar a função ambiental das áreas livres de edificação, compreende a complexidade e diversidade dos espaços livres, bem como suas funções, usos e as formas de apropriação deles pelas pessoas na cidade (Figura 02).

Dessa forma, Donoso (2011) compreende que não são apenas os espaços vegetados que se devem considerar ao conceituar os espaços livres, mas também os espaços não vegetados, que são palco de inúmeras práticas de relevância para os grupos sociais.

Figura 02 – Portal Dona Irena implantado na orla do Rio Guaíba em Porto Alegre, Rio Grande do Sul



Fonte: KS Arquitetos, 2018.

Os espaços livres públicos são, portanto, os espaços não edificados, destinados ao conjunto da sociedade, de livre acesso, manifestação e apropriação. Para que essas condições ocorram, pode-se discutir a questão da propriedade e a condição dos espaços para abrigarem as ações da esfera da vida pública (PRETO, 2009).

Os espaços livres e a vegetação urbana, como as áreas de preservação ambiental, áreas rurais, matas, bosques, praças, arborização urbana e leitos de rios, são elementos estruturadores das paisagens urbana e rural,

importantes e indispensáveis para o cotidiano e vida pública (DONOSO, 2011, p.129).

De acordo com Guzzo (1999), a implantação de espaços livres urbanos funciona como um indicador da qualidade ambiental de uma cidade, além de ser necessário um planejamento urbano adequado para a destinação dessas áreas pelas cidades.

Para que os espaços livres possam desempenhar plenamente suas funções, Cavalheiro e Del Picchia (1992) consideram necessário que eles sejam totalmente integrados no planejamento urbano. Além disso, cabe a paisagistas, engenheiros florestais, geógrafos, urbanistas e especialistas afins a identificação de áreas potenciais. Apenas após esse estudo, é necessário que se pense em uma ordenação desses espaços na malha urbana, visando não apenas uma otimização do meio físico, mas também uma melhoria na oferta de áreas livres para a população.

Os sistemas de espaços livres (SEL), [...] articulados em sistema, podem ser vistos enquanto locais propiciadores de convívio público, de circulação e de socialização, de maneira que a importância deles para o meio urbano/rural não se dá apenas pelo seu desempenho ambiental, mas pelas relações sociais que se intensificam nesses espaços (DONOSO, 2011, p.130).

Segundo Fontes (2009), existe hoje uma contradição entre a destinação do solo para áreas livres e verdes e edificações. O mercado emergente e dominante que concebe o espaço pelo seu valor de troca, contribui fortemente para o declínio do uso do espaço público, uma vez que a propriedade e hierarquia urbana nega com frequência ao cidadão o uso da cidade.

## 2.1 ESPAÇOS LIVRES VERDES

As áreas verdes são consideradas um subsistema dos espaços livres, devendo ser planejadas com o objetivo de sanar e atender as demandas da comunidade, seja para recreação, lazer, descanso ou descontração. Assim, cabe aos municípios realizar o planejamento e distribuição dessas áreas, levando em consideração as diferentes carências dos bairros das cidades (QUEIROGA, 2014).

Gonçalves (2018) define as áreas verdes públicas urbanas como espaços comuns que possuem elementos vegetativos, podendo ser parcial ou totalmente

permeáveis, que podem desempenhar funções estéticas, paisagísticas, sociais, cultural, ecológicas, entre outras (Figura 03). Além disso, estas áreas influenciam indiretamente nas relações sociais na cidade, criando uma ponte entre a paisagem natural e a paisagem urbana.

Figura 03 – Parque Güell como exemplo de área verde pública, (1914, Barcelona, Espanha)



Fonte: Archdaily, 2016.

A vegetação é de extrema importância para a qualidade ambiental das cidades, e as áreas verdes urbanas abrangem parques, praças, jardins, arborização viária, áreas protegidas, entre outros. De acordo com Steiner (2016), a vegetação existente nessas áreas influencia a cidade em diversos fatores, tais como: bem-estar dos moradores, conforto térmico, equilíbrio hídrico, proteção da avifauna e flora da região, bem como o embelezamento da paisagem urbana.

Por muito tempo, os espaços livres nas cidades somente eram utilizados como áreas de lazer. A partir da década de 80 do século passado, os

espaços livres assumiram um novo papel no clima urbano, na hidrologia, na vida selvagem e nos processos ecológicos; em resumo, passaram a ser uma nova forma de recursos urbanos (ALVAREZ, 2004, p.15).

Alvarez (2004) considera o verde como o elemento mais frágil nas cidades, pois sofre diretamente com as ações antrópicas, que pode ser representada pelo adensamento populacional não planejado. De forma a garantir o mínimo de bem-estar à população, é essencial quantificar os elementos presentes como verde nas cidades, tomando como desafio qualificá-los e relacioná-los entre si, como é possível observar na Figura 04.

Figura 04 – Requalificação da praça central da cidade de Catanduva pela paisagista Rosa Kliass, no interior de São Paulo



Fonte: Archdaily, 2017.

A constante evolução econômica, tecnológica, cultural e social que ocorre nas grandes aglomerações urbanas reflete diretamente na forma e estrutura urbana, bem como nas relações humanas. Por sua vez, as relações humanas influenciam na interação que as áreas verdes terão com a cidade, e para que as áreas verdes sejam plenamente aproveitadas no meio urbano, Bartalini (1986) considera como necessário que suas funções ambientais, recreativas, paisagísticas e sociais sempre estejam interligadas, oferecendo todo seu potencial para a comunidade.

O planejamento da vegetação no espaço urbano efetivamente deve ser realizado na forma de sistema de áreas verdes, para que as funções

socioambientais das mesmas sejam distribuídas pela cidade e integradas no tecido urbano de forma acessível e disponível para todos (STEINER, 2016, p. 07).

No que se refere à legislação brasileira, os atuais critérios de reserva de espaços livres públicos atêm-se a valores meramente quantitativos, expressos em parcela (porcentagem) do total da área do loteamento. É certo que isso é insuficiente como diretriz de um espaço livre potencial ao uso, é critério abstrato que vem gerando espaços repetitivos, alheios à dimensão do vivido, reforçando também o espaço hierarquizado e a exclusão social, na medida em que bairros com lotes maiores e menos adensados, comumente ocupados por uma classe mais alta, recebem maiores parcelas de espaços públicos, enquanto que o oposto ocorre em bairros com classes menos favorecidas (de lotes menores, mais adensados). (FONTES, 2009, p.39)

De acordo com o Art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº 369/2006, considera-se área verde de domínio público "o espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização" (CONAMA, 2016, p.98).

## 2.2 O VERDE COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR

Comumente utilizada para denotação de espaços livres, Preto (2009) define áreas verdes como um elemento qualificante do espaço, sendo fundamental para as cidades atenderem ao desejo da população de desenvolver sua vida em um meio urbano mais humano. "O sol, o verdor, o espaço, são as três matérias primas do urbanismo." (LE CORBUSIER, 1960, p. 22)

A incessante expansão da cidade acarretou um distanciamento cada vez maior dos elementos naturais. A presença da vegetação nos espaços livres e nas áreas verdes possui inúmeros benefícios, para a população e para o meio ambiente. Entre eles, pode-se citar a amenização climática dos espaços arborizados e do entorno próximo, diminuição da poluição do ar e acústica, valorização de áreas para convivência social, além da criação de espaços de permanência para espécies de avifauna (BEZERRA, 2013).

Umas das maneiras de se intervir no espaço urbano, em específico as áreas livres, é por meio de pequenas intervenções, que possuem baixo impacto na estrutura da cidade, mas agregam valor cultural e social. Diante desses fatos, o arquiteto e urbanista Jaime Lerner propõe o conceito de acupuntura urbana.

Segundo Moreira (2020), o conceito de acupuntura urbana pode ser definido por intervenções urbanas estratégicas, de rápida execução, reversíveis e de baixo custo (Figura 05). É uma alternativa que tem se consolidado frente às transformações urbanas padronizadas, que geralmente contam com um extenso processo burocrático e raramente levam em consideração as necessidades da população da área de intervenção, seja por fatores financeiros ou por aplicação de um modelo padrão.

Segue abaixo definição de acupuntura urbana de acordo com Lerner (2003):

Sempre tive a ilusão e a esperança de que, com uma picada de agulha, seria possível curar doenças. O princípio de recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização desde ponto e da área ao seu redor (LERNER, 2003, p.7).

Figura 05 – Requalificação de uma travessa em Montreal, Canadá



Fonte: Archdaily, 2020.

A metáfora do conceito de acupuntura urbana se inspira na prática milenar chinesa. De acordo com Lerner (2003), da mesma forma que uma picada de agulha possui efeitos curativos, é necessário aplicá-las às cidades, para curá-las, criar reações positivas e melhorar a relação das pessoas com o meio urbano. Assim, tais

intervenções possuem a capacidade de regenerar áreas, renová-las para novos usos, ou simplesmente fortalecer sua identidade e seu impacto positivo na cidade.

Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar relações positivas e em cadeia. É indispensável intervir para restaurar, fazer o organismo trabalhar de outras maneiras. (LERNER, 2003, p. 7)

Essas ações pontuais e revitalizadoras podem mudar progressivamente a vida nas cidades, pois têm a capacidade de se adaptar às necessidades atuais sem desconsiderar os diferentes contextos históricos (Figura 06). Lerner (2003) considera essencial que uma acupuntura urbana promova o resgate da identidade cultural de um local, pois muitas cidades deixaram de cuidar de seus locais com grande importância histórica. A memória da cidade é nosso velho retrato de família. Assim como não se rasga um velho retrato de família, não se pode perder um ponto de referência tão importante para nossa identidade. (LERNER, 2003)

Cada cidade tem sua história, seus pontos de referência. Refiro-me, principalmente, aos locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencer a uma cidade. Mas como já não é mais possível recuperar essas áreas e reviver as antigas atividades, temos que encontrar novos usos, novas atividades que tragam vida. (JAIME LERNER, 2003, p. 81)

Figura 06 – Acupuntura urbana realizada em comunidades locais na Venezuela



Fonte: Archdaily, 2020.

Lerner (2003) não limita a acupuntura urbana apenas às obras construídas, mas sim engloba qualquer intervenção humana realizada no espaço. Tal contexto é exemplificado em seu livro pela introdução de novos costumes e hábitos, como os que foram implantados em Nova York pelos imigrantes coreanos, que trazem luz e vida através de seus comércios *24h*, além de estabelecerem referências por toda a cidade. Assim, através de uma intervenção humana, são criadas condições positivas para que as transformações possam ocorrer, muitas vezes sem um planejamento ou intenção específica.

Um conceito essencial para a constituição da acupuntura urbana são as Gentilezas Urbanas. De acordo com Lerner (2003), consiste no fato de adquirir o respeito dos moradores pela sua cidade, além de atitudes de respeito, amor e consideração ao seu bairro e ao local onde vive (Figura 07). Surgem então exemplos, como uma dona de casa que montou um presépio em sua sala e recebe com simpatia quem gostaria de conhecer a arte, alguém que compartilha sua alegria ao tocar um instrumento após um longo expediente de trabalho, esculturas expostas de forma a se integrarem com o entorno, são fatos que elevam a qualidade de uma cidade.

Figura 07 – Parklet implantado em Porto Alegre como forma de gentileza urbana



Fonte: Melnick Even, 2019.

As cidades brasileiras possuem diversos problemas quanto ao planejamento urbano, e esse fato se dá pela ausência de continuidade de projetos: O vazio de uma

região sem atividade ou sem moradia pode se somar ao vazio dos terrenos baldios, e destinar usos aos mesmos e preenchê-los seria boa acupuntura. (LERNER, 2003)

Outro fator que também se faz essencial para garantir movimentação em uma determinada região da cidade é incluir a função que está faltando na área. Segundo Lerner (2003), a mistura de funções é importante para a continuidade do processo que, por sua vez, representa a constante vida da cidade.

[...] Um terreno, quando vazio, tem que ser preenchido imediatamente, de preferência com alguma atividade de animação. É a acupuntura das novas estruturas portáteis, que possam ser colocadas no local até para garantir vida, revitalizar uma região, gerando a função urbana que esteja faltando. (LERNER, 2003, p.38)

### 3 OBRAS CORRELATAS

Neste capítulo serão abordadas as obras escolhidas que servirão como referência e repertório para a elaboração da proposta projetual desse estudo. Para a escolha dessas obras, foi levado em consideração seus usos, métodos abordados, materiais utilizados, entre outros aspectos relevantes para o desenvolvimento do projeto dessa monografia.

#### 3.1 PRAÇA SUPERILLA DE SANT ANTONI

Ano: 2019

Área: 16.180 m<sup>2</sup>

Local: Barcelona, Espanha

Projeto: Leku Studio

Figura 08 – Área de convivência da praça âncora



Fonte: Archdaily, 2019.

A Praça Superilla de Sant Antonide em Barcelona, desenvolvida pelo escritório Leku Studio, foi projetada com a intenção de requalificar um espaço antes ocupado apenas por vias exclusivas para circulação de veículos (ARCHDAILY, 2019).

Barcelona é caracterizada pelo seu tecido regular, exibindo uma cidade uniforme e altamente adensada (Figura 09). Nesse contexto, os espaços livres

distribuídos em uma época anterior já não são suficientes para atender a população, gerando a necessidade de se reprogramar para atender a uma nova realidade social, ambiental e econômica vivenciada pela cidade e seus habitantes (ARCHDAILY, 2019).

Figura 09 – Entorno próximo



Fonte: Archdaily, 2019.

A praça faz parte de um plano denominado *Superilles*, caracterizado pela transformação das vias próximas ao local de intervenção (Figura 10). Através de um planejamento centrado em conectar os espaços livres, vias que antes eram exclusivas para veículos foram voltadas para ciclistas e para pedestres (Figura 11).

Figura 10 – Planta com disposição das áreas livres



Fonte: Archdaily, 2019.

O plano impulsiona uma nova ordem que atrai uma cidade mais humana, confortável e saudável (ARCHDAILY, 2019).

Figura 11 – Vista da praça se relacionando com a cidade



Fonte: Archdaily, 2019.

As modificações feitas na área foram realizadas de maneira gradual, com a intenção de ser uma transformação progressiva e consensual. Para que a implantação

do projeto sucedesse, foram necessárias novas ferramentas de planejamento urbano nas quais o Leku Studio desenvolveu e aprimorou ao longo dos anos (ARCHDAILY, 2019).

Com um desenho urbano planejado, o bairro se transformou, tornando-se mais atrativo tanto para os moradores do bairro quanto para os transeuntes (ARCHDAILY, 2019). Através de uma linguagem gráfica (Figura 12) com uso de cores específicas para a redistribuição dos espaços, criou-se uma identidade para cada área de permanência e de passagem (Figura 13).

Figura 12 – Esquema gráfico de uma das áreas de permanência



Fonte: Archdaily, 2019.

Figura 13 – Esquema de disposição das cores na área



Fonte: Archdaily, 2019.

Entende-se que a reversibilidade e a flexibilidade são ingredientes essenciais do processo. Sendo assim, reversibilidade total dos mobiliários, adaptabilidade e reciclagem dos elementos utilizados são a premissa da ação (ARCHDAILY, 2019). Conforme as Figuras 14 e 15 é possível analisar que a combinação das cores utilizadas pelo escritório, juntamente com os mobiliários implantados, criou uma atmosfera acolhedora e saudável.

Figura 14 – Relação dos mobiliários com o esquema de cores



Fonte: Archdaily, 2019.

Figura 15 – Mesas para xadrez totalmente reversíveis



Fonte: Archdaily, 2019.

## CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

A requalificação realizada no bairro pode ser considerada uma forma de acupuntura urbana, que é conceituada por intervenções locais precisas e adaptáveis, não necessariamente amplas e caras, mas transformadoras e impactantes, principalmente para os moradores da área. A escolha dos mobiliários e das cores

criaram um ambiente acolhedor, trazendo parte da natureza para uma cidade amplamente adensada.

Onde antes predominavam veículos, agora existe uma nova praça cheia de vida e verde, e o ruído predominante do veículo foi substituído por jogos infantis e conversas animadas. A mudança do modelo já é eficaz, mas a transformação continua acompanhada de um design flexível e adaptável capaz de assimilar modificações e variações derivadas, de testes e experimentações das soluções implementadas.

### 3.2 ZONA ÚMIDA URBANA USAQUÉN

Ano: 2016

Área: 8.500 m<sup>2</sup>

Local: Bogotá, Colômbia

Projeto: Obraestudio

Figura 16 – Vista aérea da praça



Fonte: Archdaily, 2016.

A Zona Úmida Urbana de Usaquén, desenvolvida pelo escritório Obraestudio, foi projetada com a intenção de transformar um espaço antes ocupado por um estacionamento em um espaço coletivo aberto no interior da quadra do Centro Empresarial de Santa Bárbara (CESB), no norte de Bogotá (ARCHDAILY, 2016).

O objetivo a partir do qual se deu a concepção do projeto foi ir além do requerimento padrão e intervir no entorno, obtendo um impacto positivo não apenas

pontual, mas também em nível urbano, valorizando a área no qual a praça foi inserida não apenas economicamente, mas também no âmbito social (Figuras 17 e 18).

Figura 17 – Relação da praça com o entorno



Fonte: Archdaily, 2016.

Um experimento de construção harmônica e sustentável da cidade, do privado ao público. Uma referência urbana em seu modelo de gestão e seu resultado (ARCHDAILY, 2016).

Figura 18 – Relação do pedestre com a praça



Fonte: Archdaily, 2016.

O conceito inicial do projeto é a zona alagadiça de Sabana, sua vegetação, sua geometria que não segue um padrão específico e os bosques de suas áreas

rochosas. Os traços, texturas e cores do desenho recriam um ecossistema intermediário entre o aquático e o terrestre (ARCHDAILY, 2016).

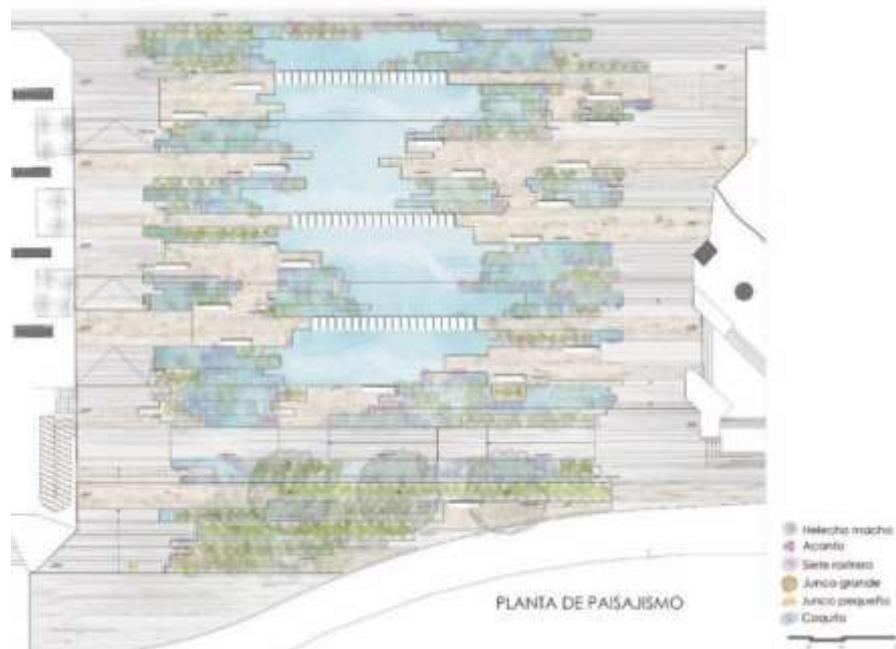
Como é possível observar na implantação e na planta de paisagismo (Figuras 19 e 20), nesse contexto, as espécies nativas que foram implantadas no projeto crescem livre e naturalmente, permitindo a circulação de maneira espontânea entre água e vegetação (Figura 21).

Figura 19 – Implantação



Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 20 – Planta de paisagismo



Fonte: Archdaily, 2016.

Ao transitar pela praça, o pedestre entra em um espaço natural inesperado e acolhedor, sendo um lugar para se refugiar do contexto urbano, muitas vezes avassalador.

Figura 21 – Espécies nativas implantadas na praça

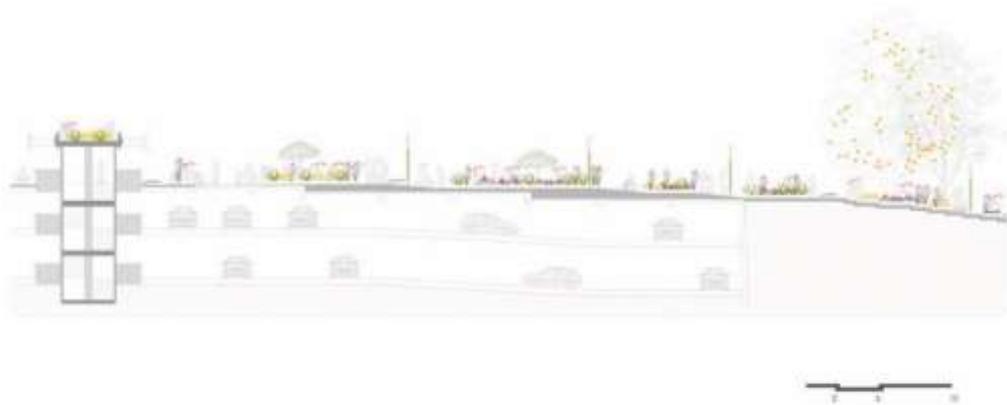


Fonte: Archdaily, 2016.

A remodelação do espaço para um meio natural, que existe sobre um estacionamento, constituiu um dos principais desafios arquitetônicos e técnicos do projeto para o Obraestudio. Esse fator exigiu uma avaliação milimétrica das características estruturais, funcionais e técnicas da área. (ARCHDAILY, 2016).

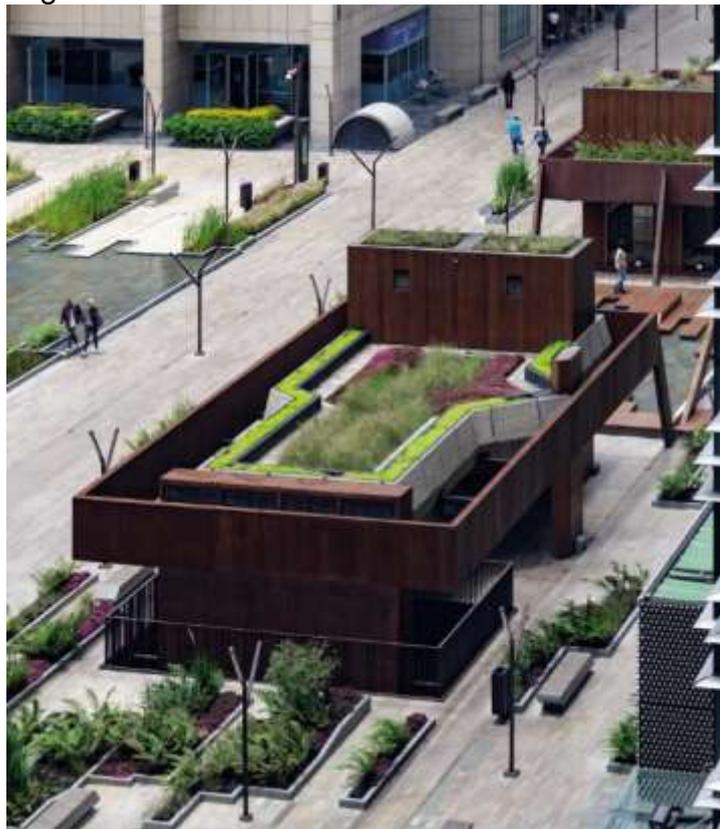
Ao analisar o corte (Figura 22), entende-se que as estruturas metálicas existentes funcionam como meios de circulação vertical, promovem ventilação natural dos subsolos e as coberturas funcionam como jardins com espaços de permanência e contemplação (Figura 23).

Figura 22 – Corte esquemático



Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 23 – Estruturas metálicas



Fonte: Archdaily, 2016.

Seguindo a mesma linguagem do projeto, entre os acessos para o subsolo há um deck de madeira com um espelho d'água, conectando assim as duas estruturas (Figuras 24 e 25). O projeto é um espaço público particularmente versátil;

respondendo à necessidade de conectividade urbana do local, sendo um abrigo natural e seguro para permanecer (ARCHDAILY, 2016).

Figura 24 – Estruturas metálicas conectadas



Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 25 – Espelho d'água



Fonte: Archdaily, 2016.

Para manutenção da vegetação nativa (Figura 26), foi criado um sistema de coleta e recirculação de 100% da água pluvial captada, que atravessa o corpo

central de água e todas as superfícies do paisagismo através de um sistema geral de irrigação (ARCHDAILY, 2016).

Figura 26 – Vegetação nativa e espelho d'água



Fonte: Archdaily, 2016.

## CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

A requalificação desse espaço público ocorreu de forma natural e harmoniosa, relacionando-se completamente com seu entorno, respeitando as edificações que cercam a praça. Através da criação de espaços de contemplação e permanência, permitiu-se um contato com a natureza nativa da região, promovendo o bem-estar dos transeuntes e trabalhadores da área.

A intervenção ocorreu de maneira pontual, mantendo os estacionamentos subterrâneos e criando uma circulação vertical eficiente e ao mesmo tempo agradável na paisagem. Através de uma análise minuciosa pelo Obraestudio, foi possível criar um grande impacto urbano no bairro dentro de um espaço que antes era subutilizado.

### 3.3 PALEY PARK

Ano: 1967

Área: 390 m<sup>2</sup>

Local: Manhattan, Nova York

Projeto: Zion & Breenn Associates

Figura 27 – Visão do pedestre



Fonte: Áreas Verdes das Cidades, 2015.

O Paley Park é considerado um dos primeiros *pocket parks*, sendo referência no aproveitamento de espaço para transformação em uma área verde, pois foi implantado onde antes era um clube. Projetado em um lote de 13,8 m de largura por 30,5 de profundidade, está implantado no coração de Manhattan.

Conforme a Figura 28, seu entorno é composto principalmente por edifícios residenciais e comerciais, que influenciam diretamente na composição da paisagem do parque. Assim, foi criado um ambiente que atrai o pedestre, pois possui conexão direta com a rua.

Figura 28 – Entorno próximo



Fonte: Paisagens Urbanas, 2015.

Uma das premissas do projeto foi criar um espaço verde de permanência dentro do ambiente urbano, repleto de floreiras e árvores para sombreamento. No ambiente (Figura 29), encontra-se alguns mobiliários flexíveis, um mural que abriga pintura de rua artística (Figura 30), uma pequena lanchonete e uma grandiosa cachoeira (Figura 31), sendo o destaque do projeto, que mede cerca de seis metros de altura e cobre todo o fundo do terreno (PAISAGENS URBANAS, 2015).

Figura 29 – Mobiliários implantados



Fonte: The Cultural Landscape Foundation, 2014.

Figura 30 – Mural artístico



Fonte: Landscape Architects Network, 2013.

Figura 31 – Cachoeira implantada no projeto



Fonte: Paddle8 (2012).

O projeto nasceu a partir de um programa criado pela Prefeitura de Manhattan, o qual incentivava a abertura do nível do térreo para o público em troca de bônus para maiores potenciais construtivos (PAISAGENS URBANAS, 2015). Os arquitetos responsáveis, Robert Zion e Harold Breen, realizaram o projeto sob financiamento da fundação William S. Paley (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Iniciado no ano de 1966 e inaugurado em 23 de maio de 1967, passou por uma reforma em 1999 para torná-lo totalmente acessível (Figura 32). Por ter sido pioneiro nessa espécie de projeto, inspirou muitos outros tipos de ocupação do solo urbano similares (PAISAGENS URBANAS, 2015).

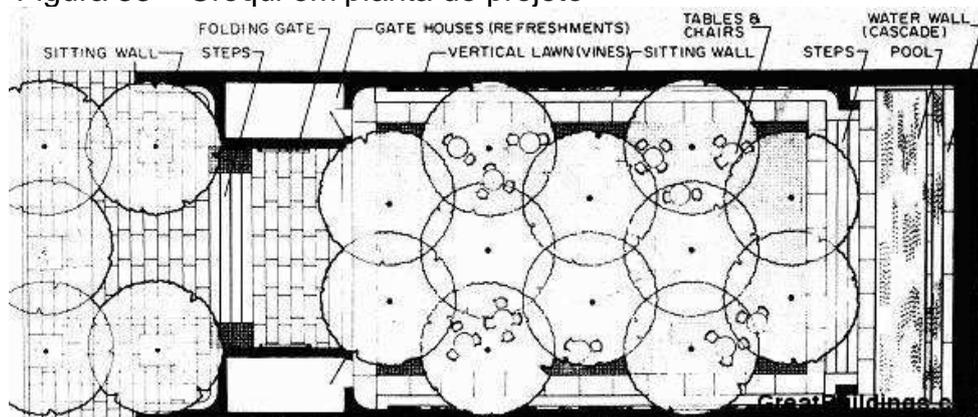
Figura 32 – Paley Park no ano de 1993



Fonte: GreatBuildings, 2013.

Segundo o croqui (Figura 33), entende-se que uma das premissas do projeto foi realizar uma intervenção urbana efetiva, mesmo inserido em um espaço enxuto. Desenho simples, composto apenas pelo necessário para atender a demanda da área de inserção (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Figura 33 – Croqui em planta do projeto



Fonte: GreatBuildings, 2013.

O Paley Park possui um terreno praticamente plano, como mostra o corte na Figura 34. Por possuir poucos desníveis, a solução projetual foi relativamente simples, conectando todo o espaço com a utilização de rampas e escadas.

Figura 34 – Croqui corte



Fonte: GreatBuildings, 2013.

## CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

O projeto, mesmo se tratando de um pioneiro no conceito de *Pocket Parks*, atendeu às demandas da área, implantando um respiro urbano no coração da cidade. Mesmo estando inserido em um lote em meio a diversos edifícios da área urbana, o Paley Park se torna um refúgio dos problemas do cotidiano, oferecendo um espaço de contemplação, lazer e descanso.

A vegetação existente não é tão abundante, pois a cidade chega a temperaturas negativas em determinadas estações e muitos buscam locais com sol para se aquecerem. Assim, foi necessário levar em consideração o tipo de parque que seria essencial para a região, adequando as necessidades de projeto com as demandas urbanas.

### 3.4 PRAÇA VICTOR CIVITA

Ano: 2007

Área: 13.648 m<sup>2</sup>

Local: São Paulo, Brasil

Projeto: Levisky Arquitetos Associados e Anna Julia Dietzsch

Figura 35 – Vista aérea da praça



Fonte: Levisky Arquitetos, 2008.

A praça Victor Civita surgiu como uma proposta projetual com a intenção de reabilitar uma área abandonada e contaminada ao lado da sede da Editora Abril. Através de uma parceria conjunta com a Prefeitura de São Paulo, a editora contratou a Levisky Arquitetos para criar um ambiente onde fosse possível oferecer cursos de artes gráficas, em conexão ao seu setor de atuação (LEVISKY ARQUITETOS, 2008).

O terreno representa outras tantas propriedades industriais e imóveis desocupados ou abandonados da cidade, e encontrava-se em profundo estado de degradação. Assim, o projeto exemplifica o grande desafio urbanístico, social, político e cultural que as grandes metrópoles contemporâneas enfrentam, pois para a implantação de qualquer tipo de projeto nesses lotes, é necessária intensa pesquisa ambiental.

Anteriormente, funcionava na área uma associação de catadores de lixo e o incinerador Pinheiros, conhecido também como Sumidouro. Conforme a Figura 36, é possível observar que o edifício não era mantido em boas condições, mesmo tendo sido utilizado por cooperativas de reciclagem (ARCHDAILY, 2011).

Figura 36 – Edifício existente no terreno



Fonte: Viva Decora Pro, 2012.

O Incinerador, que está localizado atrás do edifício principal, funcionou entre os anos de 1949 e 1989, e era responsável por queimar, entre outros resíduos, material hospitalar. Foi desativado devido ao desenvolvimento da área, mas, sem nenhuma intervenção sanitária, foi responsável pelo surgimento de focos de contaminação no solo, representando risco ambiental e social (VIVA DECORA PRO, 2012).

Para evitar o contato direto com a terra contaminada, foram incluídos decks (Figuras 37 e 38), que tornaram o espaço uma praça elevada. Estão presentes por quase toda a extensão da praça Victor Civita, convidando os visitantes a interagirem com vários espaços do local.

Figura 37 – Decks de madeira



Fonte: Archdaily, 2011.

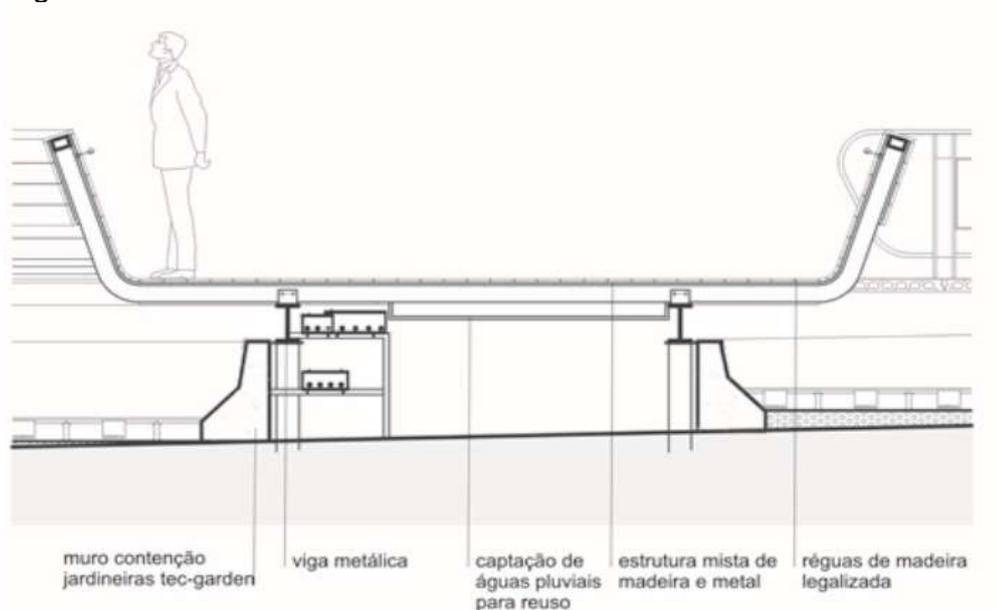
Figura 38 – Decks iluminados à noite



Fonte: Nelson Kon, 2008.

Na Figura 39, é possível compreender a estrutura dos decks, que não possuem contato direto com a terra devido à contaminação do solo. A água pluvial é captada embaixo dos decks e os resíduos dos sanitários recebem tratamento de decantação (ARCHDAILY, 2011).

Figura 39 – Deck de madeira em corte



Fonte: Archdaily, 2011.

Entre os fatores que contribuíram com a sustentabilidade, pode-se apontar a utilização de estacas metálicas pré-fabricadas e de aço 80% reciclado, que reduziram a geração de resíduos (ARCHDAILY, 2011). O projeto foi elaborado a partir de premissas sustentáveis, que visam a redução de entulho, baixo consumo de energia, utilização de materiais reciclados e certificados, aquecimento solar e manutenção da permeabilidade do solo.

Contudo, o fator principal que conceitua a praça como Museu Aberto da Sustentabilidade, foi a transformação do edifício existente em Museu da Reabilitação Ambiental. O museu (Figuras 40 e 41) trouxe a oportunidade de aprender e refletir sobre processos de construção sustentáveis, economia energética, e responsabilidade sócio-ambiental (ARCHDAILY, 2011).

Figura 40 – Edifício após restauração



Fonte: Archdaily, 2011.

Figura 41 – Interior do museu



Fonte: Archdaily, 2011.

O local também abriga o Laboratório de Plantas, a Praça de Paralelepípedos, o Centro da Terceira Idade, Arena com arquibancada para aproximadamente 240 pessoas, Oficina de Educação Ambiental e um Bosque (Figura 42). Além oferecer educação sobre questões sustentáveis, oferece espaços para diversas atividades e eventos (Figura 43) para a comunidade.

Figura 42 – Setorização do projeto



Fonte: Archdaily, 2011.

Figura 43 – Atividade para crianças sendo realizada na praça



Fonte: Rafael Cusato, 2012.

Os mobiliários implantados na praça são, em sua maioria, prolongações do piso em madeira, como a arquibancada e diversos bancos, possibilitando inúmeras soluções. Como é possível observar na Figura 44, os fechamentos laterais tornam a volumetria se torna única e capta a atenção dos visitantes.

Figura 44 – Mobiliário implantado



Fonte: Archdaily, 2011.

## CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

Em um contexto onde o tema de sustentabilidade era algo consideravelmente recente, o projeto, que foi viabilizado por uma parceria entre poder público e privado trouxe soluções ideais e pensadas especialmente para esse espaço, antes profundamente degradado por anos de contaminação do solo. Ao ser dado um uso ao espaço, seja ele cultural, social ou esportivo, a praça passou a ser utilizada por moradores próximos e trabalhadores locais. Tal fator evidencia a necessidade de atender as demandas da área por espaços verdes e de uso público.

Contudo, desde 2015 a manutenção da praça tornou-se exclusiva da prefeitura, acarretando diversos problemas. Devido a falta de manutenção preventiva, a madeira do deck e dos equipamentos deteriorou-se consideravelmente, além da falta de segurança e limpeza do local.

### 3.5 PRACINHA OSCAR FREIRE

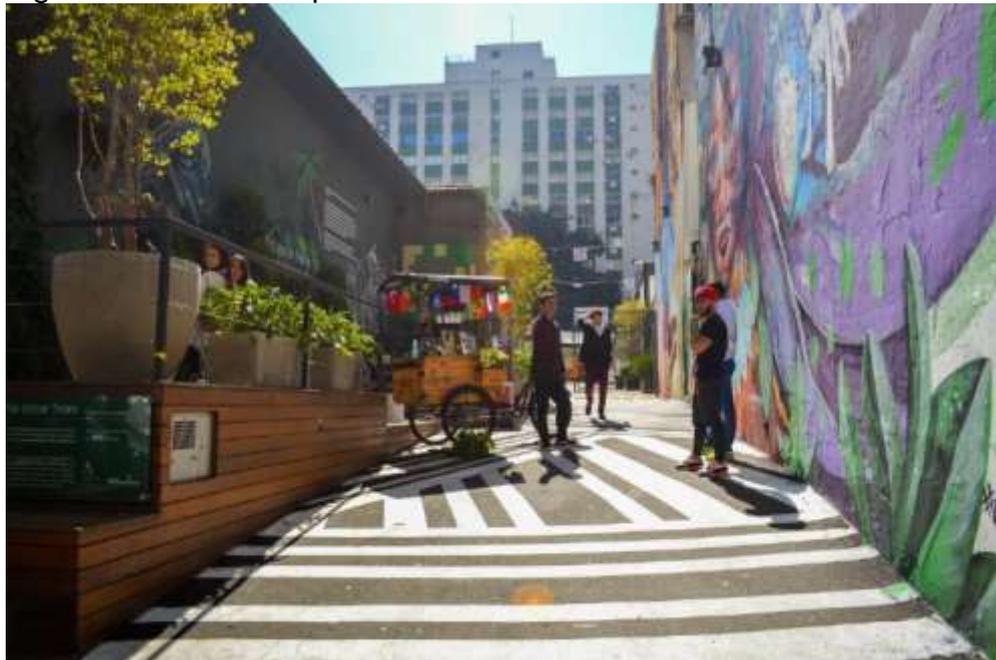
Ano: 2014

Área: 300 m<sup>2</sup>

Local: São Paulo, Brasil

Projeto: Zoom Arquitetura, Urbanismo e Design

Figura 45 – Visão do pedestre



Fonte: Archdaily, 2017.

A Pracinha Oscar Freire surgiu com a proposta de requalificar um local onde antes era um estacionamento. Projetada dentro do conceito de Pocket Parks, assumiu o papel de conexão entre os dois lados da quadra, com uma dinâmica que se adequa à rotina do paulistano, pois serve como um ambiente tanto de passagem como permanência (ARCHDAILY, 2017).

Em uma cidade do porte de São Paulo, observa-se uma carência de áreas verdes e espaços livres. Nesse contexto, a proposta projetual trouxe a oportunidade de aproveitar uma área, antes subutilizada, e transformá-la em um *Pocket Park*, adequando-se às necessidades da área de maneira pontual (Figura 46).

Figura 46 – Vista aérea da praça



Fonte: Lincoln Paiva, 2017.

Através de um decreto municipal, esses espaços privados possuíram o direito de serem implantados pela cidade (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014). Assim, a pequena praça abriu espaço para uma discussão sobre a necessidade de construir cidades mais humanas e sustentáveis

Através da Figura 47, é possível observar a configuração da praça, que é dividida em dois patamares. Aproveitando o desnível do lote, os patamares tornam possível o acesso de pessoas com mobilidade reduzida, além de criar uma setorização entre espaços de permanência e de passagem.

Figura 47 – Planta Isométrica



Fonte: Zoom Arquitetura, Urbanismo e Design, 2018.

O acesso ao estacionamento foi mantido para uso compartilhado, porém com diversos sinais de alerta aos motoristas. Conforme a Figura 48, a rampa foi pintada com efeitos tridimensionais e faixas de segurança, indicando aos carros que aquele espaço é prioridade do pedestre (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 48 – Rampa de acesso para veículos



Fonte: Archdaily, 2017.

Mesmo localizada em um terreno privado, tornou-se um espaço público bastante frequentado com diversas atividades oferecidas, como food trucks, shows, eventos, aulas de ginástica ao ar livre, entre outras (Figuras 49 e 50).

Figura 49 – Aulas de ioga ao ar livre



Fonte: Urban Remedy, 2020.

Figura 50 – Workshop para crianças



Fonte: Irene Quintás, 2018.

Entre os mobiliários implantados estão: mesas para trabalho ou almoço, bancos, mural artístico, vasos e parede verde com vegetação e uma lousa (Figuras 51 e 52). Os mobiliários complementam e conversam com o ambiente, criando uma atmosfera agradável, seja para descanso, realizar atividades ou descontração. A

praça possui uma relação dinâmica que se adequa ao ritmo da cidade, pois possui rede *wi-fi*, possibilitando o que as pessoas trabalhem e realizem reuniões no ambiente (ARCHDAILY, 2017).

Figura 51 – Mobiliários implantados na praça



Fonte: Archdaily, 2017.

Figura 52 – Mural artístico



Fonte: Archdaily, 2017.

## CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

A demanda por espaços livres em São Paulo é uma realidade frente ao crescimento demográfico da população. Assim, áreas subutilizadas que podem ser readequadas para acomodar esses espaços surgem como uma possibilidade de sanar essa necessidade.

No caso da Pracinha Oscar Freire, todos os fatores contribuíram para que seu sucesso fosse certo. A implantação de um espaço verde, que fosse flexível e adaptável para diversas atividades que as pessoas praticam, são fatores essenciais para que a dinâmica do lugar se torne mais viva. Assim, como consequência, esses espaços se tornam mais valorizados por todos.

Esse projeto se torna um exemplo de como a acupuntura urbana é capaz de transformar a área e impactar seu entorno. Através de uma requalificação pontual, se propôs uma nova forma de “se fazer cidade”, com uma lógica única que valoriza a região e oferece opções de lazer.

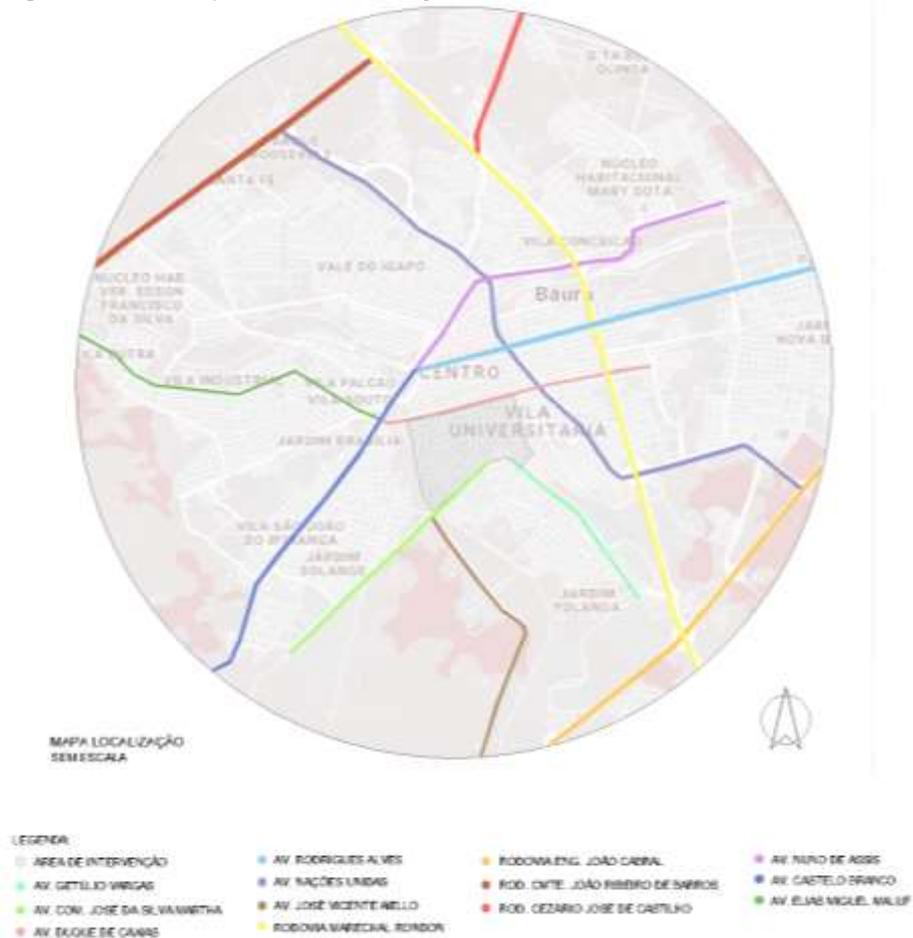
#### 4 ANÁLISE DA ÁREA

A cidade de Bauru está localizada a noroeste da capital do Estado de São Paulo, a uma distância de 326 quilômetros. Existem diversas hipóteses sobre o surgimento do nome, uma das mais aceitas vêm dos índios Kaingang, pois a região era conhecida como “ubauru”, devido à abundância de uma erva denominada ubá e uma ave chamada de uru (VIVENDO BAURU, 2011).

Bauru tem sua população estimada no ano de 2020 em 379.297 pessoas, tendo em vista que o último censo realizado foi no ano de 2010, no qual foram registradas 343.937 pessoas. A área total da unidade territorial da cidade é de 667,684 km<sup>2</sup>. (IBGE, 2021).

Os principais acessos à cidade se dão pelas Rodovias: Marechal Rondon, Engenheiro João Batista de Cabral, Comandante João Ribeiro de Barros e Cesário José de Castilho, conectadas à cidade especialmente através das Avenidas Nações Unidas, Nuno de Assis, Getúlio Vargas e José Vicente Aiello, conforme apresentado pela Figura 53.

Figura 53 – Mapa de Localização



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Google My Maps (2021).

Na Figura 54, é possível observar que os principais acessos à área de intervenção se dão através das Avenidas Duque de Caxias, Comendador José da Silva Martha e Getúlio Vargas. Entre os equipamentos localizados dentro da área de intervenção, pode-se citar o SESI, Supermercado Tauste, Bosque da Comunidade, Praça das Cerejeiras e Prefeitura Municipal, além do fundo de vale que abriga o Córrego da Ressaca.

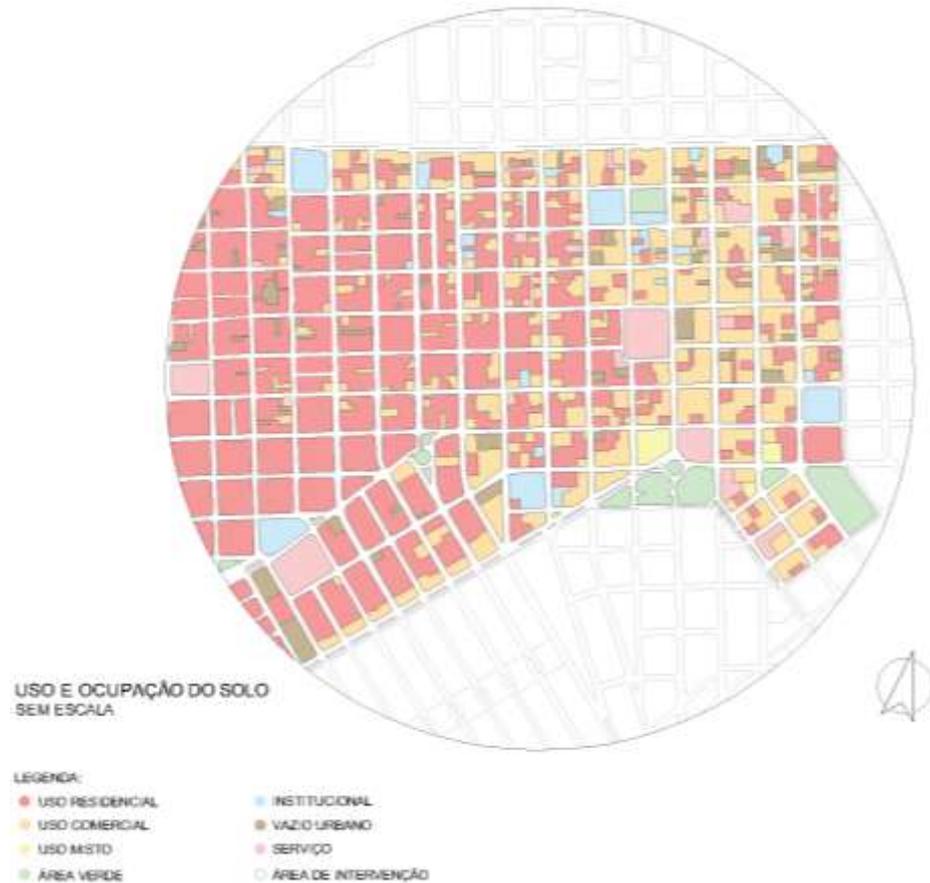
Figura 54 – Mapa de Equipamentos e Vias



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Google My Maps (2021).

Em relação ao uso e ocupação do solo (Figura 55), é possível observar que a área de intervenção possui uso predominantemente residencial, com algumas quadras destinadas à uso institucional, que abrigam equipamentos como: SESI, Prefeitura Municipal e Escola Estadual Ernesto Monte. Na área, também é possível identificar poucos vazios urbanos e áreas verdes. Os lotes comerciais concentram-se principalmente próximo às avenidas de acesso e na região do Bairro Vila Guedes de Azevedo.

Figura 55 – Mapa de Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar pela Figura 56, há uma carência de áreas e espaços verdes na área, e as existentes são contempladas pela Praça Portugal, Bosque da Comunidade e Praça das Cerejeiras. As demais massas vegetativas existentes estão localizadas principalmente nos equipamentos urbanos e rotatórias. Esses fatores evidenciam a necessidade de espaços destinados exclusivamente à lazer, descanso, cultura e contemplação, tendo em vista que se trata de uma área com muitos lotes residenciais.

Figura 56 – Mapa de Vegetação e Áreas Verdes



Fonte: Elaborado pela autora.

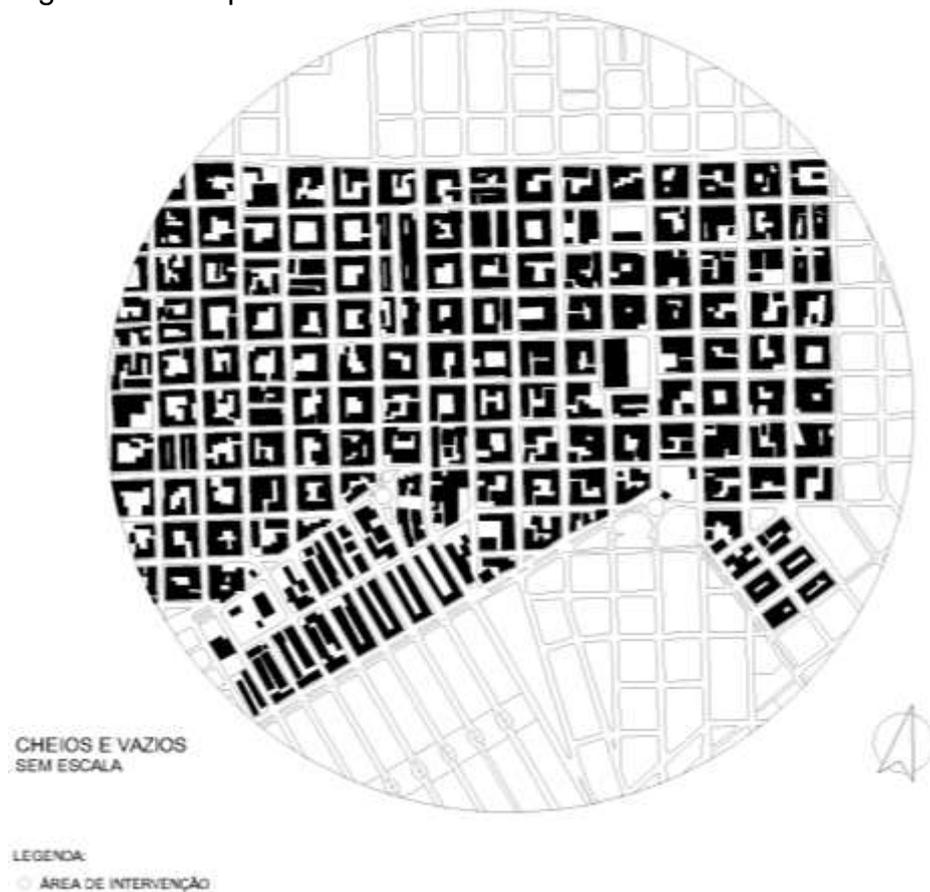
Entre principais avenidas das áreas de análise (Figura 57), temos a Duque de Caxias, Comendador José da Silva Martha e Getúlio Vargas, que são responsáveis pela conexão da área com o restante da cidade. As ruas com fluxo mais intenso são: Gustavo Maciel, Antônio Alves e Araújo Leite, pois são a principal conexão entre as avenidas e o centro da cidade, além de estarem na região com maior uso comercial. As vias locais, em sua maioria, possuem fluxo moderado ou baixo, pois são utilizadas principalmente pelos moradores da área.

Figura 57 – Mapa de Vias e Fluxos



O mapa de análise (Figura 58) revela que a área de intervenção está inserida em uma região com poucos vazios urbanos, principalmente por se tratar de bairros antigos na cidade que já estão adensados. Esse fator também evidencia a falta de áreas permeáveis, que hoje são compostas, em sua maioria, por quintais, alguns lotes vazios e poucas áreas verdes. O projeto em questão irá aumentar significativamente a quantidade de áreas permeáveis na área.

Figura 58 – Mapa de Cheios e Vazios



Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar na Figura 59, a área de análise possui poucos vazios urbanos, que são contemplados por lotes vazios, construções abandonadas e estacionamentos. Através desse mapa, observa-se que é possível conectar as áreas verdes existentes através de novos espaços livres propostos para os vazios escolhidos.

Figura 59 – Mapa de Áreas Potenciais



## 5 PROPOSTA PROJETUAL

A partir da pesquisa realizada e a análise das áreas e dos entornos, notou-se a necessidade de áreas verdes e espaços livres que propusessem novos usos à região, atendendo as necessidades dos moradores e frequentadores da área e do entorno em questão. Assim, cada *pocket park* proposto possui uma característica única, que leva em consideração o programa de necessidades elaborado, colocando o pedestre em evidência e como elemento principal.

As áreas definidas para intervenção foram escolhidas a partir principalmente de seu entorno, pois são espaços especialmente carentes de usos diversificados e flexíveis. Ao propor os novos usos, como lazer, cultura e descanso em espaços antes vazios, toda a região é impactada positivamente, além de destacar a requalificação do Bosque da Comunidade, equipamento de extrema importância para a cidade.

A partir da Figura 60, é possível observar as áreas que foram escolhidas, bem como sua localização em relação à área de intervenção e o restante da região. As letras A, B e C indicam lotes subutilizados, enquanto a D é uma área verde e E sendo o Bosque da Comunidade.

Figura 60 – Mapa de Áreas de Intervenção



A seguir ilustra-se a tabela do Programa de Necessidades e a Tabela de Vegetação elaboradas para o projeto (Figura 61).

Figura 61 – Programa de Necessidades e Tabela de Vegetação

Programa de Necessidades		Tabela de Vegetação		
1	Anfiteatro	Planta	Corte	
2	Bike Sharing			Grande Porte
3	Cafeteria			Médio Porte
4	Espaço Atividades Físicas			Pequeno Porte
5	Espaço de Apoio			
6	Espaço Leitura			
7	Espaço Música			
8	Espaço Pet			
9	Espelho D'água			
10	Exposição Locomotiva Maria Fumaça			
11	Feira Livre			
12	Horta Comunitária			
13	Playground			
14	Restaurante			
15	Sanitário   Vestibário			

Fonte: Elaborado pela autora.

Abaixo nas Figuras 62 e 63 segue a implantação e corte referente à Área A, conforme mapa de áreas de intervenção.

Figura 62 – Implantação Área A



IMPLANTAÇÃO ÁREA A  
SEM ESCALA  
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 63 – Corte A



Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida estão a implantação e cortes referentes às áreas B e C (Figuras 64 e 65). A área C foi conectada com um espaço livre já existente na rua, através de uma faixa elevada que poderá ser utilizada como espaço de lazer em determinados dias da semana que tenham menor fluxo de veículos.

Figura 64 – Implantação Áreas B e C



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 65 – Cortes B e C



Fonte: Elaborado pela autora.

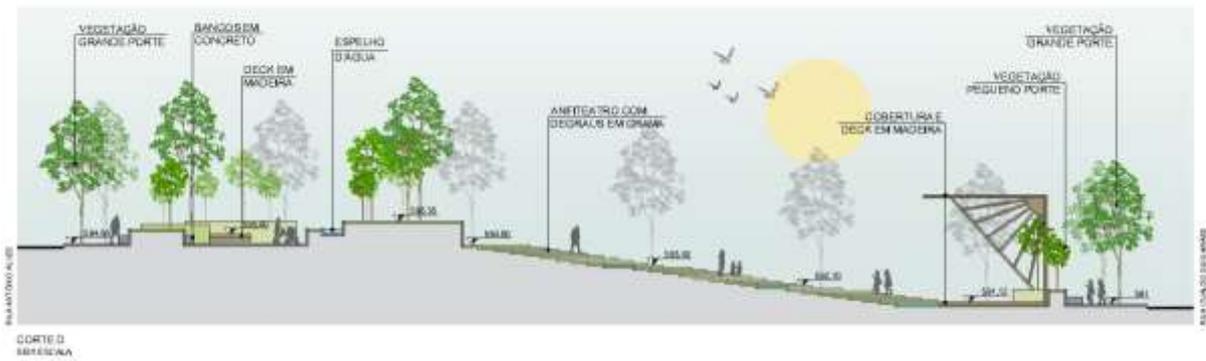
A implantação das áreas D e E (Figura 66) ilustra a requalificação do Bosque da Comunidade e a intervenção realizada em uma área verde existente, além do corte D (Figura 67).

Figura 66 – Implantação Áreas D e E



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 67 – Corte D



Fonte: Elaborado pela autora.

## 6 ANTEPROJETO

Neste capítulo será apresentado o anteprojeto, bem como as novas áreas definidas para intervenção. Cada pocket park leva em consideração as necessidades da região, estabelecendo uma conexão com os moradores e frequentadores das áreas escolhidas, além de evidenciar a escala do pedestre como elemento principal.

No mapa abaixo (Figura 68) é possível observar que os pocket parks estão interligados por corredores verdes, tendo como ponto inicial as áreas próximas ao fundo de vale do Ribeirão Bauru que se estendem até o Bosque da Comunidade.

Figura 68 – Mapa de Áreas de Intervenção



Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida ilustra-se a tabela do Programa de Necessidades e a Tabela de Vegetação e Pisos elaboradas para o projeto (Figuras 69 e 70).

Figura 69 – Programa de Necessidades  
Programa de Necessidades

1	Anfiteatro
2	Bicicletário
3	Cafeteria
4	Espaço Atividades Físicas
5	Espaço de Apoio
6	Espaço Food Truck
7	Espaço Leitura
8	Espaço Música
9	Espaço Pet
10	Espelho D'água
11	Exposição Locomotiva Maria Fumaça
12	Feira Livre
13	Horta Comunitária
14	Playground
15	Restaurante
16	Sanitários

Fonte: Elaborado pela autora.

Se teve como base para escolha das espécies para implantação a lista de espécies adequadas para arborização urbana da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA).

Figura 70 – Tabela de Vegetação e Pisos  
Tabela de Vegetação e Pisos

Tipo	Nome Popular	Espécie	Porte	Representação
arbóreas	Ave-do-paraiso-gigante	Streptos alba	Altura: 7m Copa: 3m	
	Ipê-amarelo	Tabebuia yellowii	Altura: 25m Copa: 10m	
	Ipê-branco	Tabebuia roseo-alba	Altura: 16m Copa: 8m	
	Jabuticabeira	Plinia cauliflora	Altura: 10m Copa: 6m	
	Jasmim-manga	Plumaria rubra	Altura: 8m Copa: 5m	
	Pau-ferro	Caesalpinia leiostachya	Altura: 28m Copa: 12m	
	Pitanga	Eugenia uniflora	Altura: 6m Copa: 4m	
	Resedá	Lagerstroemia indica	Altura: 8m Copa: 4m	
frutíferas	Primavera branca	Bougainvillea glabra	Altura: 15m	Indicado em cantelelevação
	Tumbéria azul	Tournefortia grandiflora	Altura: 6m	Indicado em cantelelevação
arbustiva	Agapanto	Agapanthus africanus	Altura: 0,90m	
	Barbe-de-serpente	Ophiopogon japonicus	Altura: 0,40m	
	Moreia	Dialium indicum	Altura: 0,80m	
	Falsa-erica	Capparis hyssopifolia	Altura: 0,15m	
	ferrugem	Grama-amendoim	Arachis repens	Altura: 0,10m
Grama-bem-ruda		Cynodon dactylon	Altura: 0,65m	
pisos	Especificação			
	Pavimento em betão	Piso em betão poroso, permeável, cor cinza/prata		
	Piso de boracha reciclada	Piso emborrachado contínuo, permeável e antiderrapante, cor verde/azul		
Deck em madeira	Deck em madeira pinus preservada			

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se na Figura 71 a implantação A e também o corte referente a área (Figura 72). O pocket park foi pensado visando atender os moradores da região, por se tratar de uma área predominantemente residencial, trazendo pontos de interesse comerciais (restaurante e café) e itens de lazer que atendem a diversidade de faixa etária existente.

Figura 71 – Implantação área A



Fonte: Elaborado pela autora.

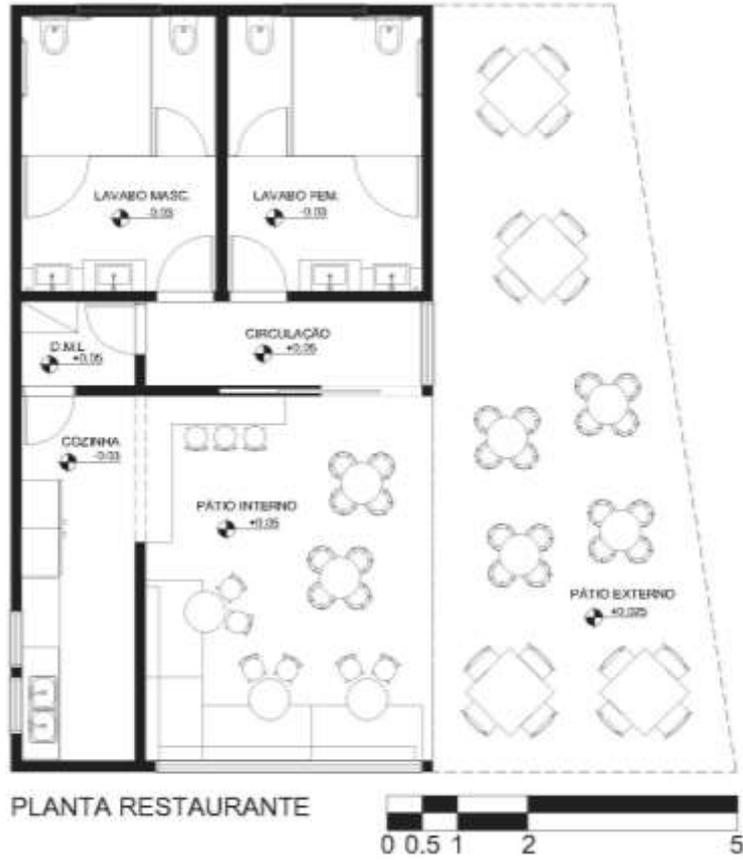
Figura 72 – Corte área A



Fonte: Elaborado pela autora.

Abaixo, as Figuras 73 e 74 representam o restaurante e o café da área, respectivamente.

Figura 73 – Planta Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora.

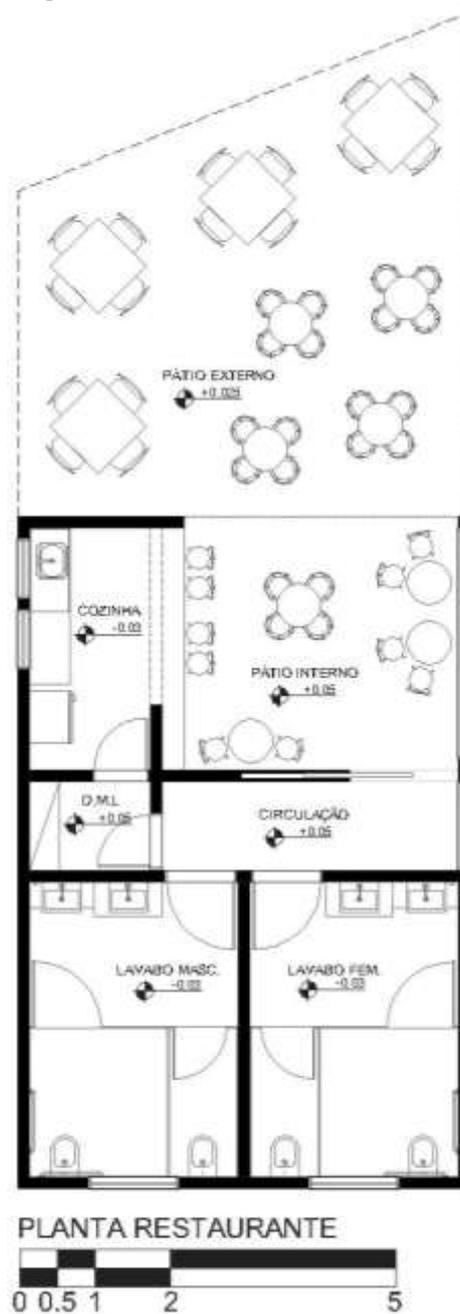
Figura 74 – Planta Café



Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 77 – Planta Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora.

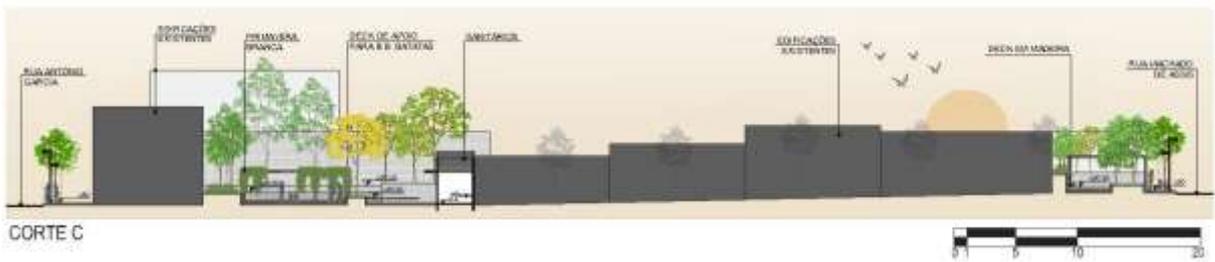
Nas Figuras 78 e 79 observa-se a implantação e o corte da área C, respectivamente. O pocket park está conectado com uma área livre já existente de um empreendimento à frente através de uma faixa elevada e possui sanitários de apoio (Figura 80).

Figura 78 – Implantação área C



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 79 – Corte área C



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 80 – Sanitários



Fonte: Elaborado pela autora.

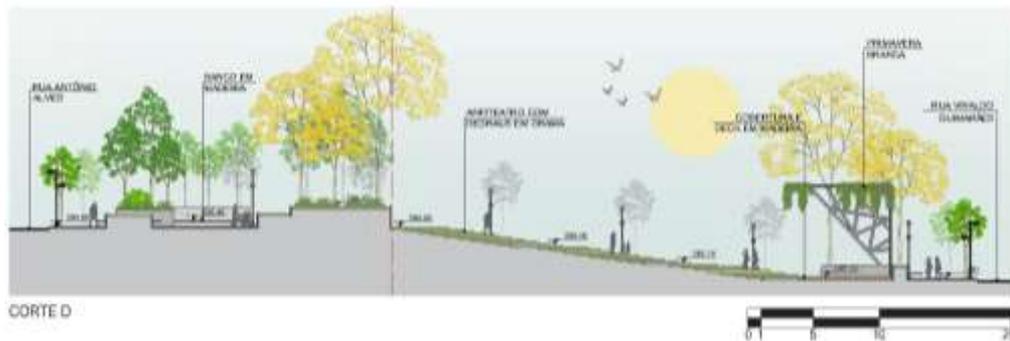
Abaixo estão a implantação e o corte referente à área D, próxima ao Bosque da Comunidade (Figuras 81 e 82). O espaço em questão foi trabalhado levando em consideração o desnível existente, utilizando a topografia natural para implantação de um anfiteatro com pisos em grama, favorecendo a drenagem das águas pluviais.

Figura 81 – Implantação área D



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 82 – Corte área D



Fonte: Elaborado pela autora.

Abaixo Figura 83, representando os sanitários.

Figura 83 – Sanitários



Fonte: Elaborado pela autora.

A implantação da área E (Figura 84) ilustra a requalificação do Bosque da Comunidade. De forma a não modificar a área, os usos já existentes no local foram mantidos, apenas readequados. Assim, o Bosque reconecta-se com o entorno, além de atrair mais frequentadores.

Figura 84 – Implantação área E



Fonte: Elaborado pela autora.

As Figuras 85 e 86 ilustram a implantação e elevação da área F. O pocket park foi desenvolvido de forma a criar um respiro entre as residências próximas, com áreas de descanso e contemplação.

Figura 85 – Implantação área F



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 86 – Elevação área F



Fonte: Elaborado pela autora.

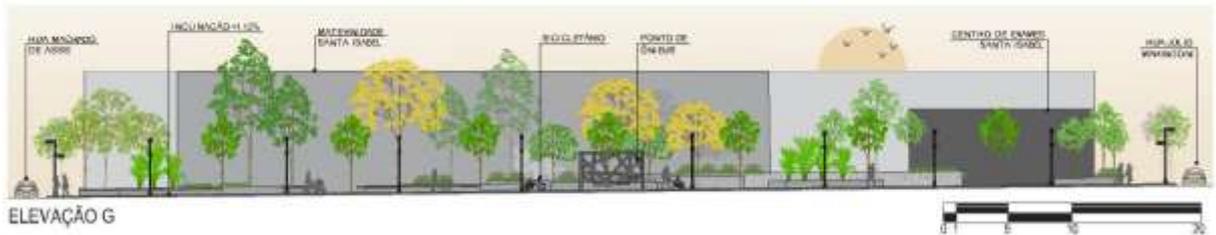
Observa-se nas Figuras 87 e 88 a implantação e elevação da área G, respectivamente. Localizado no lote da Maternidade Santa Isabel, o pocket park foi pensado de forma a oferecer uma área de espera e descanso para os pacientes do local, além da requalificação do ponto de ônibus existente (Figura 89).

Figura 87 – Implantação área G



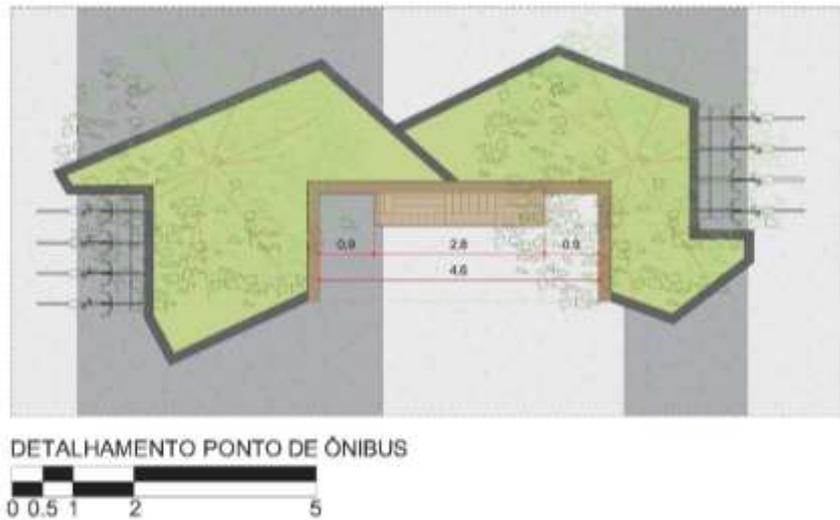
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 88 – Elevação área G



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 89 – Detalhamento ponto de ônibus



Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir ilustra-se a região do restaurante com espaço de apoio referente a área A (Figuras 90, 91 e 92), bem como a relação do pedestre com o espaço.

Figura 90 – Perspectiva área A



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 91 – Vista do pedestre área A



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 92 – Vista aérea área A



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Nas Figuras 93 e 94 observa-se um fragmento da área C, bem como o bicicletário na Figura 95.

Figura 93 – Perspectiva área C



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 94 – Vista aérea área C



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 95 – Bicicletário área C



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Abaixo estão as Figuras 96 e 97, que ilustram o anfiteatro da área D, bem como sua relação com as ruas anexas.

Figura 96 – Perspectiva área D



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 97 – Vista aérea área D



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

A seguir nas Figuras 98, 99 e 100, ilustra-se área E do Bosque da Comunidade, mais especificamente a Rua João Abo Arrage, requalificada como um *boulevard* nesse ponto em específico.

Figura 98 – Acesso ao *boulevard* na Rua João Abo Arrage



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 99 – Perspectiva do *boulevard* área E



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 100 – Vista aérea *boulevard* área E



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

As Figuras 101, 102, 103 e 104 ilustram a área F e os decks de apoio implantados, além do acesso que se dá pela Rua José Lúcio.

Figura 101 – Acesso pela Rua José Lúcio



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 102 – Perspectiva pedestre área F



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 103 – Perspectiva área F



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

Figura 104 – Vista aérea área F



Fonte: Elaborado pela autora.  
Nota: Sem escala.

## 7 CONCLUSÃO

Diante da pesquisa e análises realizadas e dados apresentados, foi possível identificar a carência por espaços verdes e áreas livres de qualidade devido especialmente à falta de planejamento, que é previsto de maneira breve na legislação brasileira. Com o intuito de melhorar a relação das pessoas com o meio urbano, as intervenções propostas possuem a capacidade de regenerar áreas e criar identidade para a região.

Os métodos utilizados foram essenciais para o embasamento do projeto, em especial as obras correlatas, que são exemplos práticos de como pequenas intervenções, feitas de maneira totalmente flexível e levando em consideração as necessidades de cada projeto podem impactar a configuração urbana de uma área de maneira positiva.

A proposta projetual, e posteriormente o anteprojeto, realizados nesta monografia contribuirão para a aplicação e desenvolvimento de futuros projetos desse porte e intenção, considerando a necessidade de humanização do meio urbano, dando importância à relação entre o espaço construído e verde, essencial para o equilíbrio ambiental e promoção do bem estar da população de qualquer cidade.

Dessa forma, conclui-se que este trabalho teve seu objetivo geral atingido, criando espaços acolhedores, que atendem às necessidades da área de intervenção e promovem atividades culturais, físicas, de lazer e contemplação, que são apropriadas para os mais diversos públicos. Assim, esses espaços possuem a influência para mudar progressivamente a vida nas cidades, pois se adaptam às necessidades atuais sem desconsiderar o contexto urbano ao qual está inserido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Ivan André. **Qualidade do Espaço Verde Urbano**: uma proposta de índice de avaliação. 2004. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Agronomia, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11136/tde-22102004-165714/publico/ivan.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ARCHDAILY BRASIL. **Parklet The Joy / Studio HAA!** 2017. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/874937/parklet-the-joy-estudio-haa?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/874937/parklet-the-joy-estudio-haa?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em: 07 mar. 2021.

ARCHDAILY BRASIL. **Praça Superilla de Sant Antoni / Leku Studio**. 2020. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/938818/praca-superilla-de-sant-antoni-leku-studio?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com.br/br/938818/praca-superilla-de-sant-antoni-leku-studio?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects). Acesso em: 03 mar. 2021.

ARCHDAILY BRASIL. **Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch**. 2011. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ARCHDAILY BRASIL. **Requalificação de Praças em Catanduva / Rosa Grena Kliass Arquiteta + Barbieri + Gorski Arquitetos Associados**. 2017. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/867162/requalificacao-de-pracas-em-catanduva-rosa-grena-kliass-arquiteta-plus-barbieri-plus-gorski-arquitetos-associados?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com.br/br/867162/requalificacao-de-pracas-em-catanduva-rosa-grena-kliass-arquiteta-plus-barbieri-plus-gorski-arquitetos-associados?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects). Acesso em: 10 mar. 2021.

ARCHDAILY WORLD. **TULIP – Your place at the table / ADHOC architectes**. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com/947544/tulip-nil-your-place-at-the-table-adhoc-architectes>. Acesso em: 05 maio 2021.

BARTALINI, V. Áreas verdes e espaço livres urbanos. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 1-2, p. 49-56, 1986. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i1-2p49-56. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133974>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BARTALINI, V. Natureza, paisagem e cidade. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, [S. l.], v. 20, n. 33, p. 36-48, 2013. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v20i33p36-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/80919>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BEZERRA, Adenilson Francisco. **Sistemas de espaços livres públicos e índice de qualidade de áreas verdes (IQAV) da paisagem urbana de São Bernardo do Campo (SP)**. 2013. 150 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17032014-115433/publico/2013\\_AdenilsonFranciscoBezerra\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17032014-115433/publico/2013_AdenilsonFranciscoBezerra_VCorr.pdf). Acesso em: 25 fev. 2021.

BRITTO, Fernanda. **Os espaços verdes públicos – Entre demanda e possibilidades efetivas**. 2012. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-89370/os-espacos-verdes-publicos-nil-entre-demanda-e-possibilidades-efetivas?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/01-89370/os-espacos-verdes-publicos-nil-entre-demanda-e-possibilidades-efetivas?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em: 05 maio 2021.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. Resolução CONAMA nº 369, de 28 de março de 2006. Dispõe sobre os casos excepcionais, de utilidade pública, interesse social ou baixo impacto ambiental, que possibilitam a intervenção ou supressão de vegetação em área de preservação permanente – APP. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 mar. 2006, n.61, seção I, p.150-151. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=489>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CORBUSIER, Le. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 95 p. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2974977/mod\\_resource/content/3/aula12\\_Corbusier\\_Le\\_A\\_Carta\\_de\\_Atenas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2974977/mod_resource/content/3/aula12_Corbusier_Le_A_Carta_de_Atenas.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.

CUTIERU, Andreea. **Acupuntura urbana**: requalificando espaços públicos por meio de intervenções locais. 2020. Traduzido por Rafaella Bisineli. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/948851/acupuntura-urbana-requalificando-espacos-publicos-por-meio-de-intervencoes-locais>. Acesso em: 05 mar. 2021.

DONOSO, Verônica Garcia. **A paisagem e os sistemas de espaços livres na urbanização contemporânea do interior paulista**: estudo de caso da área entre são carlos, araraquara e ribeirão preto. 2011. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-30112012-094922/publico/dissertacao\\_donoso.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-30112012-094922/publico/dissertacao_donoso.pdf). Acesso em: 25 fev. 2021.

ESTÚDIO HAA!. **Parklet Maria Antônia / The Joy**. 2014. Disponível em: <https://www.ha.arq.br/parklet-the-joy>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FONTES, Nádia. **Proposta metodológica para planejamento de sistemas de espaços livres**: Ribeirão Preto - SP. 2009. 193 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104350>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GONÇALVES, Monica Palloni. **Análise da distribuição espacial, funcionalidade e atratividade de áreas verdes públicas na cidade de São Carlos, SP**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Ambientais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10077/GON%c3%87ALVES\\_Monica\\_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10077/GON%c3%87ALVES_Monica_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y). Acesso em: 23 fev. 2021.

GUZZO, Perci. **Estudo dos Espaços livres de uso público da cidade de Ribeirão Preto/SP, com detalhamento da cobertura vegetal e áreas verdes públicas de dois setores urbanos**. 1999. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia,

Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1999.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. **Instituto Mobilidade Verde e Reud inauguram 1º Pocket Park na Rua Oscar Freire em São Paulo**. 2014. Disponível em: <https://institutomobilidadeverde.wordpress.com/2014/05/21/instituto-mobilidade-verde-e-reud-inauguram-1o-pocket-park-na-rua-oscar-freire-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

KLIASS, R. G.; MAGNOLI, M. M. Áreas verdes de recreação. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 21, p. 245-256, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p245-256. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40254>. Acesso em: 5 mai. 2021.

KS ARQUITETOS. **Portal Dona Irena**. 2018. Disponível em: <https://ksarquitetos.com.br/projetos/portal-dona-irena/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 126 p.

LIMA, A. M. L.P; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C.; SOUSA, M.A.L.B.; FIALHO, N. DEL PICCHIA, P.C.D. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: **Anais... II Congresso de Arborização Urbana**. São Luis, MA, 1994. p. 539-553.

MAGNOLI, M. M. Espaço livre - objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 21, p. 175-197, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>. Acesso em: 2 mai. 2021.

MOBILIZE BRASIL. **'Pocket park' é inaugurado nos Jardins, em São Paulo**. 2014. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/noticias/6396/pocket-park-e-inaugurado-na-oscar-freire-sp.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MOREIRA, Susanna. **O que é acupuntura urbana?** 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/951774/o-que-e-acupuntura-urbana>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NAJA, Ramzi. **Clássicos da Arquitetura: Parque Güell / Antoni Gaudí.** 2016. Traduzido por Eduardo Souza. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/784944/classicos-da-arquitetura-parque-guell-antoni-gaudi>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ORIZZONTALE. **Casa do Quarteirão / Walk&Talk 2016.** 2016. Disponível em: [https://www.orizzontale.org/en/portfolio\\_page/casa-do-quarteirao/](https://www.orizzontale.org/en/portfolio_page/casa-do-quarteirao/). Acesso em: 20 mar. 2021.

PEREIRA, Matheus. **Pocket Parks: novo e compacto modelo aos espaços públicos.** 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/877993/pocket-parks-novo-e-compacto-modelo-aos-espacos-publicos>. Acesso em: 03 mar. 2021.

PRETO, Maria Helena de Fátima. **Sistema de espaços livres públicos: uma contribuição ao planejamento local.** 2009. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-03052010-164003/publico/Maria\\_Helena\\_Preto\\_FAUUSP\\_2009.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-03052010-164003/publico/Maria_Helena_Preto_FAUUSP_2009.pdf). Acesso em: 23 fev. 2021.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa.** 2001. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

STEINER, Claudia. **Subsídios para o planejamento de Sistemas de Áreas Verdes Urbanas no Brasil.** 2016. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150951/001010172.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ZOOM ARQUITETURA. **Pracinha oscar freire**. 2014. Disponível em:  
<https://www.zoom.arq.br/pracinha-oscar>. Acesso em: 15 mar. 2021.